ISSN 2359-053x

ANO 5 - NÚMERO 61 - NOVEMBRO 2019

Xapuri SOCIOAMBIENTAL

R$ 15

ALCÂNTARA: DA BASE E DA RESISTÊNCIA

p. 08

AVOSIDADE
Embelezar cabelos brancos
p. 30

LITERATURA
Canto da terra
p. 35

SUSTENTABILIDADE
A vantagem da imperfeição
p. 46

ACAIXAÉTODASUA

Vender as áreas da CAIXA que dão mais lucro é jogar dinheiro fora. O seu dinheiro.

Estão falando que as áreas da CAIXA que dão mais lucro, como loterias, seguros e cartões, serão vendidas. E ainda querem retirar o FGTS de lá. É com esse lucro que a CAIXA financia o sonho da casa própria, do Fies e do crédito mais barato. Vender as áreas mais lucrativas da CAIXA é jogar dinheiro fora. O seu dinheiro. Reaja. A CAIXA é toda sua.

ACAIXAETODASUA.COM.BR

COMITÊ NACIONAL
EM DEFESA DA CAIXA

> **Quando você sentir que o céu está ficando muito baixo, é só empurrá-lo e respirar."**
> Ailton Krenak

COLABORADORES/AS - NOVEMBRO

Ailton Krenak – Líder Indígena. **Altair Sales Barbosa –** Arqueólogo. **Bia de Lima –** Professora. **Carlos Marighella –** Escritor (*in memoriam*). **Clarice Lispector –** Escritora (*in memoriam*). **Eduardo Pereira –** Sociólogo. **Emir Sader –** Sociólogo. **Iêda Leal –** Professora. **Iêda Vilas-Bôas –** Escritora. **Jaime Sautchuk –** Jornalista. **Janaina Faustino –** Gestora Ambiental. **Leonardo Boff –** Escritor. **Lúcia Resende –** Professora. **Lúcio Flávio Pinto –** Jornalista. **Zezé Weiss –** Jornalista.

CONSELHO EDITORIAL

1. Jaime Sautchuk – Jornalista
2. Zezé Weiss – Jornalista
3. Altair Sales Barbosa – Arqueólogo
4. Ângela Mendes – Ambientalista
5. Antenor Pinheiro – Jornalista
6. Elson Martins – Jornalista
7. Emir Sader – Sociólogo
8. Graça Fleury – Educadora
9. Jacy Afonso – Sindicalista
10. Jair Pedro Ferreira – Sindicalista
11. Iêda Vilas-Bôas – Escritora
12. Trajano Jardim – Jornalista

EXPEDIENTE

Xapuri Socioambiental: Telefone: (61) 99967 7943. E-mail: contato@xapuri.info. Razão Social: Xapuri Socioambiental Comunicação e Projetos Ltda. CNPJ: 10.417.786\0001-09. Endereço: BR 020 KM 09 – Setor Village – Caixa Postal 59 – CEP: 73.801-970 – Formosa, Goiás. Edição: Zezé Weiss, Jaime Sautchuk (61) 9 8135 6822. Revisão: Lúcia Resende. Produção: Zezé Weiss. Jornalista Responsável: Thais Maria Pires - 386/ GO. Marketing e Responsabilidade Social: Janaina Faustino (61) 9 9611 6826. Mídias Sociais: Eduardo Pereira. Tiragem: 5.000 exemplares. Circulação: Revista Impressa - Todos os estados da Federação. Revista Web: www.xapuri. info. Distribuição – Revista Impressa: Todos os estados da Federação. ISSN 2359-053x.

Após várias décadas de negociações, com idas e vindas ao sabor da posição de governos, finalmente foi assinado um acordo do Brasil com os Estados Unidos sobre o uso da base de lançamentos de foguetes de Alcântara, no Maranhão. A cidade é histórica, pelo seu passado, e pode vir a ser, também, pelo seu futuro, por razões bem diferentes.

Sua construção vem do início do século XVII, primeiro pelos franceses que invadiram territórios ocupados por índios tupinambás antes da chegada dos portugueses por ali, dando seguimento à ocupação, com a participação marcante do negro africano.

As edificações, em arquitetura de várias escolas, são testemunhas de séculos de presença de outros humanos na região e hoje encantam por preservarem rico patrimônio histórico.

No entanto, o Acordo de Salvaguardas Tecnológicas (AST), assinado dia desses, tem outras finalidades. Significa, em primeiro lugar, a entrada definitiva do Brasil na Era Espacial, numa área de amplo domínio dos EUA, que não precisariam de mais uma base, pois já têm mais de 700 ao redor do mundo, mas a querem, por diversos motivos.

São, pois, variadas histórias que se sobrepõem no tempo e no espaço. É delas que trata a matéria de capa desta edição de Xapuri, numa viagem que vai do território indígena ao espaço sideral, de modo profundo, mas leve e bonito, como de costume.

Mas não é só disso que trata esta revista que começamos a folhear. Muitos outros temas são abordados, no padrão já tradicional. O vigor e a beleza da tartaruga-de-pente, também afetada pelo misterioso óleo que assombra o litoral nordestino, é um exemplo. Mas tem mais, muito mais.

A forte relação da líder negra Angela Davis com o Brasil tem novos capítulos, aqui registrados. E a reviravolta política da América Latina, após uma década sob governos conservadores, de direita, a começar pela vizinha Argentina. Ou o encontro de agroecologia que reuniu comunidades tradicionais do Bico do Papagaio, região de cultura muito forte.

Ainda teremos a sabedoria do cerratense Binômio da Costa Lima, de Jataí, em Goiás, e a lembrança do assassinato do paraense Paulo Fonteles. E muito mais. Vale a pena conferir.

Boa leitura!

Zezé Weiss e Jaime Sautchuk

Editores

Mensagens pra Xapuri

contato@xapuri.info

Parabéns à Revista Xapuri por abordar temas tão relevantes e importantes para esclarecer as verdades sobre a Amazônia, o Cerrado, a diversidade cultural e muito mais.
Iolanda Rocha Lula da Silva – Brasília – DF.

Muito agradecido à Revista Xapuri pela exposição Chico Mendes Herói do Brasil.
Raimundo Mendes de Barros – Xapuri – Acre.

Parabéns para este grande guerreiro Raoni por sua luta em defesa do seu povo [em referência à matéria de capa da Xapuri 60: Raoni, defensor da Amazônia e dos povos da floresta].
Tadeu Tinti – Curitiba – PR.

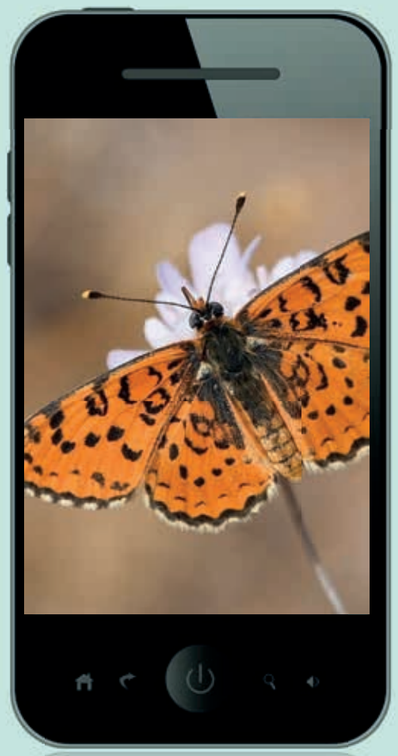


Imagem do mês

@hadas169

Marque suas melhores fotos do Instagram com a hashtag
#revistaxapuri
Sua foto pode aparecer AQUI!

Xapuri 61

SOCIOAMBIENTAL

NOV 19

08 CAPA
Alcântara: da base e da resistência

15 MITOS E LENDAS
Hidra de Lerna: o monstro imortal de muitas cabeças

16 ECOLOGIA
Piche no Nordeste altera rotina dos filhotes de tartarugas marinhas

18 CONSCIÊNCIA NEGRA
Angela Davis: mensageira da esperança

20 CONJUNTURA
A América Latina luta e dá a volta por cima

26 ECOTURISMO
El Ateneo Grand Splendid: Uma das livrarias mais belas do mundo

Xapuri – Palavra herdada do extinto povo indígena Chapurys, que habitou as terras banhadas pelo Rio Acre, na região onde hoje se encontra o município acreano de Xapuri. Significa: "Rio antes", ou o que vem antes, o princípio das coisas.
Boas-Vindas!

30 AVOSIDADE
Embelezar cabelos brancos

31 GASTRONOMIA
Mbyta: pamonha ancestral do povo Guarani

34 BIODIVERSIDADE
Tartaruga-de-pente: a mais tropical de todas as tartarugas marinhas

35 LITERATURA
Canto da terra

36 MEIO AMBIENTE
A última pergunta: realidade ou ilusão?

41 MEMÓRIA
Um parlamento esvaziado

42 SAGRADO INDÍGENA
Krenak: o povo "cabeça da terra"

46 SUSTENTABILIDADE
A vantagem da imperfeição

48 UNIVERSO FEMININO
Nair de Teffé: a primeira cartunista do planeta

ALCÂNTARA: DA BASE E DA RESISTÊNCIA

Jaime Sautchuk

Foto: divugação

As manchas de óleo que atingem toda a orla marítima da Região Nordeste do País chegaram também às praias da linda cidade histórica de Alcântara, no Maranhão. De modo mais severo, porém, a localidade foi atingida pelo Acordo de Salvaguardas Tecnológicas (AST), que define as condições de uso da Base de Lançamento de Satélites por Brasil e Estados Unidos, signatários do documento.

O AST foi assinado em março, durante a visita do presidente do Brasil aos Estados Unidos, mas não é novidade, pois vem sendo negociado há mais de duas décadas. Em verdade, um acordo com teor semelhante chegou a ser assinado em 2000, pelo então presidente Fernando Henrique Cardoso, mas foi vetado pelo Congresso Nacional, sob a alegação de que violava a soberania brasileira.

O documento ia sendo colocado em votação na moita, em meio a uma série de pautas de pouca relevância, mas foi descoberto e denunciado pela então deputada federal Socorro Gomes (PCdoB – PA), abrindo o debate em torno do tema. O relator foi o então senador Waldir Pires (PMDB-BA), que apontou a quebra de soberania e provocou o veto.

Pelo acordo assinado por FHC com os EUA, a atividade espacial em Alcântara passaria a ser controlada por eles. Sob o manto de "procedimentos de salvaguarda de tecnologias", o documento assegurava, por exemplo, que o governo brasileiro "manterá disponível no CLA áreas restritas (...) e permitirá que pessoas autorizadas pelo governo dos EUA controlem o acesso a essas áreas".

Estabelecia, também, que os técnicos brasileiros seriam obrigados usar crachás e teriam suas atividades delimitadas. Num acidente, por exemplo, nenhum brasileiro poderia tocar ou mesmo fotografar os escombros sem autorização dos ianques. Os equipamentos e outras cargas viriam dos EUA em contêineres lacrados, que só seriam abertos por americanos.

Tratava-se, em verdade, de uma espécie de contrato de arrendamento da base de Alcântara, restringindo o acesso brasileiro às tecnologias ali desenvolvidas ou usadas.

A diferença, agora, é que foram alteradas algumas daquelas cláusulas, que deixam de ter caráter substancialmente invasivo. Além disso, foram incorporados aspectos que constam de outros documentos parecidos, assinados entre os EUA e a Índia e Nova Zelândia, países que fazem parte da comunidade de lançadores de satélites.

O que acontece é que alguns pontos mais controversos do acordo foram "suavizados". Em vez de proibir a entrada de brasileiros às áreas

cedidas aos ianques, o que os críticos classificavam como extensões do território dos EUA no Brasil, agora a expressão usada é "acesso restrito". Pessoas autorizadas por ambas as partes podem entrar. O texto também passou a permitir que os recursos gerados em Alcântara sejam aplicados no programa espacial brasileiro e não prevê mais a entrada de contêineres lacrados, sem inspeção, na Base.

Todavia, por mais brando que tenha ficado, o novo AST não demove os militares dos EUA daquele que aparenta ser seu interesse maior em Alcântara, que é de ter um espaço assegurado para fins bélicos. As "salvaguardas tecnológicas" camuflam, no fim das contas, uma base militar dos EUA em pleno território brasileiro. Não há outra justificativa pra tanto e tão prolongado interesse daquela potência no pedacinho do Maranhão que abriga esse cobiçado território.

Começa pelo fato de que os EUA não precisam de mais uma base de lançamento de satélites ao redor do mundo, tal a sua autonomia nesse campo. Portanto, não estariam aí os verdadeiros motivos do acordo recentemente assinado. Tampouco estaria na possibilidade de o Brasil se tornar um concorrente na área espacial, pois o próprio contrato com a Ucrânia já foi soterrado há alguns anos.

O acordo prevê a proteção de conteúdo com tecnologia dos EUA usado no lançamento de foguetes e mísseis a partir da base de Alcântara. Atualmente, 80% do mercado espacial do mundo usa tecnologia americana e, portanto, a ausência de um acordo de proteção limitaria o uso da base brasileira.

Por ingerência brasileira, o texto também terá a função de acordo de não proliferação de tecnologias de uso dual – quando as tecnologias podem ser usadas tanto para fins civis como militares, como é o caso do lançamento de mísseis. Essa dualidade, entretanto, por experiências já vividas ao redor do mundo, não é explícita.

UCRÂNIA

No meio do caminho, vale lembrar, o Brasil chegou a fechar acordo de cooperação com a Ucrânia, que possui tecnologia adequada, desde quando fazia parte da antiga União Soviética. Em verdade, um dos maiores entraves ao Programa Espacial Brasileiro sempre foi o de recursos humanos. É dramática a escassez de pessoal capacitado em uma área tão profunda e dinâmica, situação agravada depois do acidente de 2002, com a explosão que matou 21 cientistas e técnicos nacionais de primeira linha lá mesmo, na Base de Alcântara.

Por isso, em 2010, voltou da Ucrânia um primeiro grupo de dez alunos da Universidade de Brasília (UnB) que foram fazer pós-graduação em diversos campos da Astrofísica naquele país. A atividade faz parte do acordo espacial Brasil/Ucrânia e inclui a transferência de tecnologia para lançamento de foguetes, que é o objetivo principal da parceria firmada.

A Ucrânia era um dos principais centros de pesquisas e lançamentos da antiga União Soviética e acumula mais de meio século de bom desempenho nesse ramo do conhecimento. Domina, inclusive, a tecnologia para lançamentos de foguetes com cargas das mais diversas a partir de bases móveis, instaladas sobre barcaças em lagos, mares e oceanos.

A iniciativa do intercâmbio foi do governo ucraniano, que, através de sua embaixada no Brasil, procurou a UnB quatro anos antes e propôs a celebração de um convênio. Em 2009, um comitê de professores brasileiros foi à Ucrânia, estabeleceu as bases desse acordo e iniciou a escolha e preparação dos estudantes pretendentes, o que incluiu aprendizado básico da língua eslava.

O astrofísico José Leonardo Ferreira, membro do comitê de professores da UnB, diz que a ideia original era a uniformização da linguagem entre o pessoal brasileiro e o ucraniano que participa do programa Brasil/Ucrânia. Entretanto, o intercâmbio foi bem além e, se quiserem, esses formandos podem ir trabalhar na iniciativa privada que atua no setor.

No entanto, esse programa passou a enfrentar dificuldades nos últimos anos, com pressões de diversos tipos, a ponto de ser desativado.

DESASTRES

Os acidentes ocorridos com satélites brasileiros sempre suscitaram dúvidas e suspeições. Afinal, era voz-corrente nos meios espaciais brasileiros que não interessava aos EUA, que não queriam que o Brasil desenvolvesse seus próprios foguetes. Por isso, aquele país sempre fizera questão de impedir a produção de foguetes brasileiros. E isso era verdade.

Em 2011, a organização *WikiLeaks* vazou um telegrama enviado pelo Departamento de Estado dos EUA à embaixada de Brasília, em que essa política é reiterada. O texto ressalta a importância de garantir que a Ucrânia, então nossa parceira na área espacial, não transferisse tecnologia para a construção de foguetes.

Historicamente, esse desencorajamento é justificado como forma de evitar que o Brasil produza mísseis balísticos intercontinentais, que são iguais aos foguetes utilizados para fins científicos.

Foto: divugação

De todo modo, levantamentos feitos pela Aeronáutica brasileira revelam não ter havido sabotagem no caso dos acidentes em lançamentos brasileiros. Naquele em que morreram 21 técnicos brasileiros, por exemplo, foi identificada uma falha de uma chave que foi incorretamente ligada por algum membro da equipe, provocando a explosão do satélite três dias antes do lançamento.

A BASE (HISTÓRICO)

A Base de Lançamentos está situada na latitude 2°18' sul, hoje em área de 12 mil hectares, no município de Alcântara, a 32 km de São Luís, capital do estado do Maranhão.

O dia 1° de março de 1983 é considerado a data oficial de inauguração do Centro de Lançamentos – quando foi criado o Núcleo do Centro de Lançamento de Alcântara (NUCLA). Sua finalidade era proporcionar apoio logístico e de infraestrutura local e garantir segurança às atividades que seriam desenvolvidas na área do futuro centro espacial no Brasil.

O CLA foi criado como alternativa ao Centro de Lançamento da Barreira do Inferno (CLBI), localizado no estado do Rio Grande do Norte, por causa do crescimento urbano em seus arredores, que impediu ampliações da base. Além disso, este centro oferece várias outras vantagens.

Pela proximidade da linha do equador, o consumo de combustível no lançamento de satélites é 30 % menor, se comparado com bases em latitudes maiores. No âmbito do mercado das missões espaciais internacionais, esta base pode ser considerada a única concorrente do Centro Espacial de Kourou, na vizinha Guiana Francesa, operado pela França.

A disposição da península de Alcântara permite lançamentos em todos os tipos de órbita, desde as equatoriais (em faixas horizontais) às polares (em faixas verticais), além de garantia de áreas de impacto do mar que foguetes necessitam ter.

A área do Centro é de baixa densidade demográfica, o que possibilita a existência de diversos sítios, pra lançamentos de foguetes diferentes. E as boas condições climáticas, com clima estável, regime de chuvas bem definido e ventos em limites aceitáveis tornam possível o lançamento de foguetes em praticamente todos os meses do ano.

PROGRAMA ESPACIAL

Um dos principais objetivos do Programa Espacial Brasileiro continua sendo construir e lançar um satélite geoestacionário, que daria ao país o controle sobre informações de meteorologia, telecomunicações e tráfego aéreo. Mas, para colocá-lo no espaço, carece de ter o foguete lançador, onde começam os problemas.

Para jogar no espaço seu VLS (Veículo Lançador de Satélites), o Brasil vem enfrentando sérios problemas. Os dois primeiros foguetes lançados na Base de Alcântara tiveram que ser explodidos no espaço, por desvios de rota, em 1997 e 1999. O terceiro foi alvo daquela explosão em 2003, ainda em terra, dias antes de ser lançado, em que morreram 21 pessoas, entre técnicos e cientistas brasileiros.

São fracassos que agradaram muito os detentores da tecnologia e do esquema econômico da atividade espacial, em particular, os EUA, todos contrários à entrada do Brasil na corrida espacial.

É claro que o satélite em si contém os mesmos desafios tecnológicos. São poucas as empresas no mundo que controlam o setor. Por coincidência, as mais poderosas são estadunidenses. Mas colocá-lo no espaço requer a tecnologia do foguete, que o Brasil tem capacidade de construir, como já o fez, com parceria com algum país que tope transferir tecnologia.

Aqui, vale uma explicação. Os dois maiores detentores de conhecimento neste campo são os EUA e a Rússia, herdeira do aparato central da antiga União Soviética. A eles, seria bom evitar que novos países entrem no grupo dos que já detêm tecnologia de VLSs, um negócio de bilhões e bilhões de dólares por ano.

Atualmente, os países que formam esse grupo, além dos dois maiores, são China, Índia, França, Israel, Japão, Ucrânia, Coréia do Norte e Irã. Dois desses sistemas têm linhagem genealógica bem clara. O de Israel é filhote dos EUA. O da Ucrânia vem da antiga URSS, mas hoje sem interferência da Rússia. Os demais têm fontes próprias, ainda que com parcerias com os maiores.

De qualquer modo, a rigor, os EUA e a Rússia, na sua esfera de influência, jogam pesado para que os demais lançadores não cooperem com nenhum outro país.

Para ter capacidade de lançamento, no entanto, o Brasil fez um acordo com a Ucrânia, assinado pelo ex-presidente Lula. Foi criada uma empresa binacional brasileiro-ucraniana denominada *Alcantara Cyclone Space*, que tinha sede em Brasília e na Base de Alcântara, no Maranhão.

Esse, pelo adiantado das coisas, é o caminho mais fácil para o Brasil encurtar o percurso para ter seu foguete de lançamento. Mas aí é que o bicho pega. Há, no próprio governo brasileiro, quem discorde da parceria com a Ucrânia, em favor de uma abertura para o setor privado, que iria favorecer empresas dos EUA.

No caso, a transferência de tecnologia já vinha ocorrendo no formato tradicional, que é através de universidades e centros de pesquisa envolvidos. Durante a visita do ex-presidente Lula à Ucrânia, em 2007, foi assinado um convênio entre as universidades de Brasília (UnB) e de Dnipropetrovsky, cidade que abriga o principal centro espacial daquele país.

Para se ter uma ideia, eles têm uma base de lançamento marítima, em enorme barcaça rebocada por navios do porte de petroleiros. Assim, lançam foguetes em diversas áreas do seu mar territorial, ou mesmo de outros países, de acordo com as condições mais apropriadas.

Se na parte de lançamento o problema está desse tamanho, na produção do satélite geoestacionário o caso é ainda mais complexo. Não há chance de o Brasil, sozinho, produzir uma nave dessas em pelo menos uma década. Por isso, precisa de parcerias, o que justifica o Acordo com os EUA.

A capacidade técnica do Brasil, incluindo empresas privadas do setor, vai até a parte de estrutura física da nave, o que inclui tecnologia de informação, mas o "cérebro" da máquina tem que ser comprado.

O custo total de um satélite desse porte, com as especificações necessárias, é de mais ou menos 1 bilhão de dólares. A parte que o Brasil produziria ficaria na faixa dos 400 milhões de dólares. Mas isso não é o preponderante. Até porque, depois de colocá-lo em órbita, não há que pagar aluguel a ninguém.

O fato é que o Brasil precisa, com urgência urgentíssima, ter seu próprio satélite geoestacionário. Do contrário, continuaremos com as portas escancaradas para quem quiser bisbilhotar todas as informações que subirem ao espaço. E isso não é pouco.

Senão, vejamos.

Na parte de telecomunicações, há muitos anos o Brasil comprou o direito de uso da série de satélites Brasilsat, que é fabricado pela Hughes, americana, em conjunto com a Spar, canadense. A operação ficava a cargo da Embratel, que era estatal brasileira, mas foi privatizada no governo FHC e hoje pertence à Verizon Communication, ianque.

Todos os sinais de rádio, TV, telefonia, internet, tudo passa por ali.

Na parte de meteorologia, o Brasil usa as informações do GOES, também estadunidense. É bem-informado, com dados acurados, mas manipulável. Não nos esqueçamos de que foi um satélite desse mesmo sistema que mudou de localização no espaço na guerra das Malvinas, entre a Grã-Bretanha e a Argentina, colocando em parafuso os dados meteorológicos na região, inclusive no Brasil.

No caso, foi uma decisão do governo dos EUA, que colocou em operação seu sistema global, que é operado pela sua agência espacial, a NASA, com empresas privadas, que são a Hughes, Lockheed e Boeing, principalmente. Era uma determinação de estado em favor da Grã-Bretanha, que as operadoras cumpriram com rigor.

Por fim, a parte do tráfego aéreo é setor em que o Brasil muito padece. Aqui, quase todo o tráfego aéreo é controlado por torres terrestres. Mas há casos de "buracos negros", especialmente na parte Norte da Amazônia brasileira, nas proximidades do Sistema Parima de Serras, onde está, por exemplo, o famoso Pico da Neblina, o ponto mais elevado do País.

Nesses "buracos" da comunicação terrestre, os pilotos recorrem ao GPS (*Geo-Positioning Satellites)*, também sob controle da NASA. Um satélite geoestacionário brasileiro supriria todas essas informações com risco muito menor para o nosso crescente tráfego aéreo.

Para formatar esse satélite, foi criada uma comissão vinculada à Agência Espacial Brasileira (AEB), com representantes de todos os setores do governo que tenham a ver com o tema, inclusive no campo militar.

Esse órgão funcionou na definição das características desse satélite e mesmo de possíveis parceiros para sua construção. A execução do projeto, contudo, depende de dinheiro e de vontade política.

QUILOMBOLAS

No início da década de 1980, quando a Base de Alcântara começou a ser implantada, havia populações tradicionais naquela área, na maioria remanescentes de escravos negros – um quilombo, portanto. Nessa época, as 350 famílias que residiam no local começaram a ser retiradas e transferidas para sete agrovilas, localizadas a cerca de 20 km da cidade.

No documento assinado com os EUA, não há referências a essas comunidades, mas o deputado federal Márcio Jerry (PCdoB-MA), que atua como voluntário no apoio aos quilombolas, assegura que o Acordo não terá impacto sobre eles.

"O perímetro do Centro de Lançamentos está definido desde os anos 1980, e não existe possibilidade de expandir este terreno ou remanejar alguma família. Eu digo e repito, na hora que alguém colocar em pauta qualquer tipo de remanejamento, podem ter certeza que eu, como deputado federal, nosso partido e o governador Flávio Dino, serão (sic) os primeiros na linha de frente em defesa das comunidades quilombolas", afirma o deputado.

Contudo, no dia 11 de outubro, o jornal *Folha de São Paulo* publicou informações de relatórios do grupo de trabalho formado por onze ministérios, que revelam que "está em fase avançada o plano de remoção das cerca de 350 famílias de Alcântara, no Maranhão".

Segundo o jornal, "o objetivo é permitir a ampliação do Centro de Lançamento, comandado pela Aeronáutica, a fim de alugar espaços a operações de outros países, como os EUA, uma das prioridades do governo Jair Bolsonaro".

Desde o século XVIII, já eram formados quilombos no Maranhão, como meio de resistência da população negra à escravidão, por meio de rebeliões e fugas, sendo os mais expressivos os de Lagoa Amarela, sob a liderança do Negro Cosme. A formação de quilombos era severamente reprimida pelas forças governistas.

A partir de 1865, Alcântara passou por declínio econômico, com a queda das exportações de algodão e arroz e o deslocamento da produção para os vales dos Rios Itapecuru, Mearim e Pindaré. Isso levou ao abandono de terras pelos proprietários das grandes fazendas, e pelas ordens religiosas, que também possuíam terras em Alcântara.

Foto: novacartografiasocial

Com isso, surgem denominações às formas de ocupação: "Terras de Preto" (adquiridas por prestação de serviços escravos, ou compradas por escravos alforriados), "Terras de Santo" (deixadas pelas Ordens Religiosas aos antigos escravos) e "Terras de Pobreza" (doações das fazendas falidas para ex-escravos, registradas em cartório num ato de doação do proprietário). Tais denominações levaram à construção da identidade cultural, religiosa e territorial dessas comunidades.

Em junho passado, as comunidades enviaram extensa carta ao Congresso Nacional, em que reclamam por não terem sido consultadas sobre o acordo com os EUA e denunciam ameaças de nova remoção. O documento foi encaminhado através de um grupo de entidades sindicais e sociais, dentre as quais o Movimento dos Atingidos pela Base Espacial (MABE).

CIDADE HISTÓRICA

Alcântara é um município da Região Metropolitana de São Luís, servindo de ligação entre a capital do Maranhão e o Oceano Atlântico. A cidade foi tombada como patrimônio histórico em 1.948, por decisão do IPHAN. Sua população estimada, hoje, é de perto de 25 mil habitantes.

Os franceses foram os primeiros brancos a se estabelecerem na área do atual município, que era habitada por índios tupinambás, uma aldeia chamada Tapuitapera, no início dos anos 1.600.

Logo depois, porém, eles foram expulsos pelos portugueses, e a povoação que ali havia surgido foi elevada a vila de Santo António de Alcântara em 1648, tendo sido sede da Capitania de Cumã. Durante o período colonial, foi um importante centro agrícola e comercial. No século XIX, a cidade entrou num período de decadência, permanecendo como testemunho do seu período áureo o acervo arquitetônico de seu Centro Histórico.

As edificações originais são bastante preservadas, incluindo igrejas e prédios públicos, assim como a urbanização da época. Na cidade há museus e programas de visitação com roteiros turísticos voltados aos aspectos culturais e históricos. A rica culinária da região se faz presente nos variados restaurantes da cidade.

Perto dali está a ilha do Cajual, um importante sítio arqueológico do Maranhão. A presença de fósseis de espécies que também viveram na África comprova que aquele continente e a América do Sul já foram um só bloco.

A cidade também é muito conhecida pelos seus doces de espécie. A festa do Divino Espírito Santo ("festa do Divino") é bastante difundida no estado, já que são aproximadamente 15 dias de festya durante a qual são servidos, de graça, licores e doces.

O acesso à cidade também pode ser feito por sistema de *ferry-boats*, que ligam a cidade de São Luís até o porto de Cujupe, em Alcântara, bem como por barcos menores e catamarãs que saem do Cais da Praia Grande, no Centro de São Luís.

Foto: divulgação

Jaime Sautchuk
Jornalista. Escritor

HIDRA DE LERNA:
O MONSTRO IMORTAL DE MUITAS CABEÇAS

Zezé Weiss

Os meses de setembro e outubro foram assim: a cada dia, as praias do Nordeste amanheceram coalhadas de manchas e pontos pretos, algumas grandes, gosmentas, assustadoras, outras menores, bordando vastidões de areia com grandes pingos de óleo-petróleo, todas trazidas pela força das marés que movimentam as ondas das águas do mar.

A cada manhã, ante a completa inoperância do Estado, centenas de voluntários e voluntárias tomaram para si a tarefa hercúlea de combater com as próprias mãos esse monstro terrível, como se fosse uma cobra com uma imensidão de cabeças e com o poder de disparar veneno a esmo, insistindo em tingir de dano e medo as areias nordestinas.

Embora medidas tardias tenham surgido por parte do governo federal, quase sessenta dias depois da primeira mancha, novembro entrou com o mar em plena atividade de devolver à terra um piche que não é seu, infelizmente para uma areia que também não é dona sua, tristemente nas belas e ensolaradas praias dos estados do Nordeste.

É como se Hidra, a besta imortal com corpo de dragão e cabeças de serpente, filha de Tifão e da metade mulher-metade cobra, Equidina, da mitologia grega, tivesse resolvido despertar da morte desde os pântanos do lago de Lerna, na região de Argólida, na Grécia Antiga, onde nasceu e viveu, para migrar, com toda a força de sua monstruosidade, para as bandas do oceano Atlântico, nas costas brasileiras.

Conta a lenda que, ainda bebê, Hera, a esposa do deus Zeus, adotou Hidra, dando ao maior monstro do pântano alimento, proteção e incentivo para desenvolver todos os seus instintos destrutivos. Treinada para destruir o que lhe viesse pela frente, com o tempo, Hidra tornou-se infinitamente mais perigosa do que a cobra, sua parente mais próxima.

Os números variam, mas conta-se que Hidra teria entre meia dúzia e uma centena de cabeças, cada uma delas sustentada por um enorme pescoço, com capacidade de se enrolar ou se afastar e atacar os adversários em todos os ângulos possíveis. Com toda essa mobilidade, o monstro consegue atacar amplas áreas, destruindo comunidades inocentes, devorando biodiversidades inteiras.

No caso de Hidra, entre as suas várias cabeças, conta a lenda que apenas uma era imortal, porém essa cabeça imortal era protegida por todas as outras cabeças mortais que cresciam ao seu redor. Se alguma das cabeças mortais fosse cortada, duas outras surgiriam no seu corpo para substituir a perda. O monstro só poderia ser morto se fosse cortada sua única cabeça imortal.

Um dia, Heracles, filho de Zeus, para também tornar-se imortal, recebeu como missão enfrentar e destruir a cabeça imortal de Hidra. Heracles então entrou no pântano e, com a boca e o nariz cobertos para não respirar o cheiro venenoso do monstro, começou a cortar as cabeças de Hidra o mais rápido que podia. Mas, quando mais cabeças cortava, muitas mais cabeças surgiam.

Então, Heracles pediu ajuda a seu sobrinho Iolaus que, com uma tocha acesa, ia queimando as cabeças à medida que Heracles as cortava, impedindo que outras nascessem. Dessa forma, o herói conseguiu alcançar a cabeça imortal de Hidra e, com uma espada de ouro que havia ganhado de Athena, teria dado fim ao monstro do pântano de Herna.

Seria o caso agora de invocar aos céus para que nos mande Heracles, acompanhado das tochas de fogo de Iolaus, para dar fim a essa nova cabeça de Hidra, já que o governo brasileiro parece não saber de onde vem nem como combater a destruição causada por este novo monstro dos mares?

Zezé Weiss
Jornalista.

PICHE NO NORDESTE ALTERA ROTINA DOS FILHOTES DE TARTARUGAS MARINHAS

Fotos: divugação

Desde o início de setembro, o litoral nordestino vem sendo ocupado por manchas de petróleo, vindas sabe-se lá de onde. Mas é fato que todo o ecossistema da região vem sendo afetado pela poluição, incluindo a fauna marinha. Um dos primeiros animais a aparecerem com o corpo tomado pelo piche foi uma tartaruga-de-pente.

Nas últimas semanas, o Projeto Tamar/Fundação Pró-Tamar está monitorando intensamente as praias de Sergipe e do litoral norte da Bahia, áreas consideradas prioritárias para a reprodução e conservação de três das cinco espécies de tartarugas marinhas que ocorrem no litoral brasileiro: a tartaruga-oliva *(Lepidochelys olivacea)*, a tartaruga-cabeçuda *(Caretta caretta)*, e a tartaruga-de-pente *(Eretmochelys imbricata)*.

Estas áreas são monitoradas pelo Projeto Tamar há 40 anos para garantir a proteção das fêmeas, dos ninhos e dos filhotes.

Conforme metodologia estabelecida em nível nacional, as equipes de campo mantêm as desovas nos locais de origem *(in situ)*, ou seja, nos locais escolhidos pelas tartarugas fêmeas. Manter os ninhos nos locais de origem garante o desenvolvimento dos filhotes sem interferência humana, em condições naturais de incubação.

Em áreas de maior risco (devido à urbanização ou suscetíveis à erosão pelo regime de marés), os ninhos são transferidos no dia da postura para outros locais da praia ou transferidos para o cercado de incubação presente nas instalações da fundação. As transferências são realizadas pela equipe de pesquisadores do Projeto Tamar, capacitados para fazer a coleta e o transporte dos ovos até o local mais adequado para sua permanência.

Esses ninhos, assim como os que permanecem *in situ*, são monitorados até o nascimento dos filhotes. Essa medida já faz parte das atividades de conservação do Projeto Tamar/Fundação Pró Tamar, e o protocolo padrão de avaliação e transferência de ninhos segue em andamento, agora considerando a presença de óleo nas diferentes praias.

O encalhe de óleo nas praias tem se alterado todos os dias, em razão de sua dispersão, influenciada pelas condições de vento e das correntes marinhas. Em função do acidente, as equipes aumentaram significativamente o esforço de monitoramento para garantir que os filhotes eclodidos provenientes de ninhos *in situ* não fiquem presos nas manchas de óleo.

Nas áreas mais afetadas, membros da nossa equipe estão retendo os filhotes no momento do nascimento e, com base em uma avaliação diária da situação das praias, fornecida pelos órgãos responsáveis, eles são levados a áreas de menor risco, para serem soltos no mar. Essas e outras medidas aplicadas pela fundação ocorrem sob orientação do ICMBio.

Fonte: www.tamar.org.br.

ANGELA DAVIS:
MENSAGEIRA DA ESPERANÇA

Iêda Leal

Fotos: @angelaguimaraes65

Do alto de seus 75 anos, Angela Davis, uma das maiores referências da luta antirracista no mundo, é dessas mulheres que interconectam movimentos, tempos e causas.

"Não acredito que seja saudável escolher uma luta e dizer que é mais importante do que outra, mas sim, reconhecer como as diferentes lutas se conectam, com já preconizava a feminista brasileira Lélia Gonzalez (1935-1984), com seu pioneiro conceito sobre a interseccionalidade da luta antirracista no Brasil," afirmou Angela Davis durante sua passagem por São Paulo na terceira semana de outubro último.

Cada vez mais próxima do movimento negro brasileiro, Davis recebeu, em encontro fechado,

militantes da Coalizão Negra por Direitos para, segundo mensagem postada no Instagram de Angela Guimarães, "dialogar sobre os desafios enfrentados por negros e negras da diáspora neste contexto de recrudescimento do racismo num ambiente de ascensão da extrema direita nos EUA e no Brasil." Ou, nas palavras de Douglas Belchior, "fortalecer mais uma aliança internacional na construção da Coalizão Negra por Direitos.

Em um encontro de trabalho com mais de 30 lideranças de várias entidades e várias gerações, na sede do Geledés – Instituto da Mulher Negra –, Angela apontou a similaridade da luta nos dois continentes: "Na tática, a Coalizão é bem parecido com o *Black Lives Matter*", movimento norte-americano contra a violência que atinge os negros.

Durante o encontro, tive o prazer e a emoção de entregar à Angela Davis a Carta das Mil Mulheres, do Movimento Negro Unificado, e um exemplar da Revista Xapuri. E, junto com as demais lideranças da Coalizão, recebemos dela a generosa oferta de seguir trabalhando conosco para pensar o "movimento da diáspora contra o racismo" e levar para fora do Brasil nosso protesto contra a exploração pelos norte-americanos da base espacial de Alcântara, território quilombola onde vivem 800 famílias, no estado do Maranhão.

Em palestra gratuita realizada no Parque do Ibirapuera, a militante Angela afirmou: "Continuo me impressionando e sentindo muita esperança sempre que venho ao Brasil. Sinto um impulso coletivo aqui, principalmente entre os jovens, entre as jovens mulheres negras". Emocionada com a capacidade de resistência das mulheres negras brasileiras, Ms. Davis fez questão de visitar o acampamento das mulheres do Movimento Sem Teto do Centro (MSTC), onde conheceu a militante recém-libertada Preta Ferreira.

Em conversa com jornalistas durante uma conferência de imprensa, falou sobre o avanço da eleição da deputada estadual Erica Malunguinho (PSol-SP): "Eu acho que nenhum outro país já elegeu uma mulher negra e trans como deputada oficialmente. Eu fiquei muito comovida ao ouvir sobre o trabalho que ela tem feito (...). Aqueles de nós que vêm trabalhando contra a violência do Estado, a violência policial, a violência carcerária, temos que reconhecer que as mulheres negras trans são os alvos mais consistentes de violência".

No Rio de Janeiro, Ms. Davis, como é carinhosamente chamada, encontrou-se com a escritora Conceição Evaristo, de 73 anos, sua contemporânea. Evaristo lhe contou sobre como uma foto dela, Angela, colada em uma parede na favela, a fez aderir ao cabelo Black Power nos anos 1970. E falou-lhe também sobre a luta das mulheres negras brasileiras que, nos anos 1930, se organizaram em mutirão para não serem excluídas do trabalho na lavoura em Minas Gerais.

Angela, por sua vez, celebrou a troca entre gerações e o surgimento de novos movimentos como o *Black Lives Matter* e o *Me Too*. "Essa é realmente uma época maravilhosa para ser jovem, porque os jovens estão assistindo ao desmoronamento de uma série de regras estabelecidas ao longo do tempo para governar, controlar o comportamento humano", pregou. "Ao mesmo tempo, é uma época maravilhosa para ser velha, porque percebemos que o trabalho desenvolvido ao longo de tantas décadas faz diferença. A intergeracionalidade dá significado à longevidade."

Também no Rio, Davis evocou a luta de Marielle Franco, assassinada em 14 de março de 2018: "Muitas das minhas camaradas tombaram durante a luta. Acredito que seja minha responsabilidade testemunhar em homenagem a quem não estão mais entre nós. E afirmar que, se permanecermos na luta, eventualmente, alcançaremos a vitória."

Agora que outubro passou, que Angela Davis voltou para a sua Califórnia, onde segue sendo professora universitária, e a nós aqui no Brasil cabe a responsabilidade de celebrar Zumbi dos Palmares no 20 de novembro, seguimos na resistência com a força da esperança de Ms. Davis, registrada pela jornalista Isabela Reis nas redes sociais: "Podemos errar e, tudo bem, mais importante é organizar a nossa esperança".

Iêda Leal - Tesoureira do SINTEGO. Secretária de Combate ao Racismo da CNTE. Vice-presidenta da CUT-GO. Coordenadora Nacional do MNU. Artigo enviado em 25 de julho de 2019 desde a Tailândia, onde participou do Congresso Mundial de Educação.

Fotos: divugação

A AMÉRICA LATINA LUTA E DÁ A VOLTA POR CIMA

Emir Sader

Nosso continente continua a ser o cenário das mais importantes lutas do mundo contemporâneo – contra o neoliberalismo e pela construção de alternativas ao modelo adotado pelo capitalismo no período histórico atual. O fôlego da retomada neoliberal se confirma como curto.

Derrota espetacular de Mauricio Macri na Argentina, do tamanho da euforia que sua vitória havia despertado. Evo Morales, na Bolívia, aguenta firme, apesar da ofensiva da direita e da perda de apoios. No Uruguai, a Frente Ampla continua como a maior força política, mas vai ter parada dura no segundo turno, pela soma das direitas, e também pela perda de apoios.

Na Colômbia, as eleições municipais representam dura derrota para o atual presidente, Iván Duque, representante do uribismo, se fortalecem candidatos do campo popular e vinculados ao novo líder da esquerda, Gustavo Petro.

A Argentina confirma as fragilidades do neoliberalismo, que a direita não tem alternativa, que não aprendeu do esgotamento do seu modelo, que se enganou quanto ao sucesso dos governos antineoliberais, volta com sua política de ajustes fiscais e revela sua incapacidade não apenas de retomar o crescimento econômico e atacar o desemprego como, em decorrência disso, de conquistar bases de apoio suficientes para ter governos com estabilidade política.

Apesar da recomposição da direita, Evo se apoiou em suas bases populares, em grande medida o movimento indígena, para resistir, triunfar eleitoralmente, e ganhar um novo mandato, importante não apenas para completar a extraordinária recuperação econômica e as conquistas sociais e étnicas da Bolívia, como também para recompor suas forças políticas de apoio.

Na Colômbia também um governo neoliberal paga o preço do desgaste desse modelo, assim como da política repressiva e autoritária de Álvaro Uribe, retomada pelo presidente atual. O governo foi derrotado em todas as frentes, a começar por Bogotá e por Medellín, projetando derrota nas próximas eleições presidenciais, com favoritismo de Petro.

Mas a América Latina não apenas volta à esquerda, luta à esquerda, desmonta o modelo neoliberal no seu eixo fundamental, o Chile, e destrói a possibilidade de Lenín Moreno restabelecer o neoliberalismo no Equador. Explosões populares foram a resposta do povo às medidas de ajuste fiscal, que tiveram como reação o recuo aberto de Piñera e de Moreno, revelando como seu modelo é frontalmente antipopular e como o povo já o percebeu e não tolera a continuidade das medidas antipopulares.

Esses governos se esgotaram. No Equador se desenha o retorno de governos ligados a Rafael Correa. No Chile, onde a direita tradicional liderava as pesquisas, a esquerda – especialmente a Frente Ampla – tem uma nova e grande oportunidade de voltar a polarizar contra o governo de Piñera.

A primeira década do século XXI na América Latina foi claramente de esquerda, com protagonismo dos governos antineoliberais e dos seus líderes – Hugo Chávez, Lula, Néstor e Cristina Kirchner, Pepe Mujica, Evo Morales, Rafael Correa – como as principais lideranças de esquerda no mundo.

A contraofensiva conservadora se impôs na segunda década do novo século, com as vitórias de Macri e de Jair Bolsonaro, a virada do governo de Moreno, o isolamento internacional do governo de Nicolás Maduro, no marco da eleição de Donald Trump e da vitória do Brexit. A China se reafirma como a grande potência do século XXI e os Brics como o projeto de construção de um mundo multipolar, alternativo à hegemonia imperial norte-americana em declínio.

Essa ofensiva revelou logo suas debilidades, a começar pelo próprio Trump e pelo Brexit, pela derrota do governo do Salvini na Itália, do Netanyahu em Israel, até que se consagrou aqui com a formidável vitória de Alberto Fernández e Cristina Kirchner, de Evo e as fantásticas mobilizações populares no Equador e no Chile. A terceira década promete ser a da retomada da esquerda e do recuo da direita na América Latina.

Com todos os avanços existentes, os governos progressistas em dois dos três países mais importantes do continente – México e Argentina –, com a continuidade do governo de Evo na Bolívia, o decisivo, uma vez mais, recai sobre o Brasil. Duas tendências marcaram a política do país ao longo deste ano: a tendência a um enfraquecimento acelerado do governo de Bolsonaro e ao fracasso da sua forma de fazer política – uma caricatura de Trump.

E o fortalecimento da imagem de Lula, não apenas com a reabertura de possibilidades de recuperação da sua liberdade, como da força política que sua liderança recuperou sobre o cenário político brasileiro, com reconhecimento até mesmo de setores tradicionais que sua presença se torna indispensável para a recuperação política do Brasil.

Antes de tudo, uma reação de massas às tantas medidas antipopulares do governo atual, assim como a reconstrução do modelo de crescimento econômico com distribuição de renda, precedido de um projeto de reconstrução nacional, diante das políticas de destruição do país dos governos Temer e Bolsonaro.

A liderança de Lula é indispensável nesse processo, mas ela tem que contar com um movimento de massas muito mais ativo e radical nas suas reações às políticas do governo, assim como uma esquerda com espírito unitário e combativo na luta pela reconstrução de uma força que polarize diretamente contra o governo, deixando as contradições internas à direita como fenômeno secundário.

A evolução da situação brasileira será assim determinante para a terceira década da América Latina no século XXI. O país precisa recuperar seu governo popular, para recompor, junto com México e Argentina como líderes, o processo de integração regional e como baluartes mundiais na luta fundamental do nosso tempo – a da derrota e de superação do neoliberalismo.

Emir Sader
Sociólogo, um dos principais sociólogos e cientistas políticos brasileiros.

5º ENCONTRO TOCANTINENSE DE AGROECOLOGIA REÚNE POVOS ORIGINÁRIOS E COMUNIDADES TRADICIONAIS NO BICO DO PAPAGAIO

Marcado pela mística das Quebradeiras de Coco Babaçu, evento aconteceu na Comunidade Sete Barracas, em São Miguel do Tocantins (TO), entre os dias 24 e 27 de outubro

Mãe Palmeira. É dessa forma carinhosa que as quebradeiras de coco babaçu se referem à Palmeira Babaçu, árvore da qual extraem o que é necessário para viverem. Nesse contexto, em meio aos babaçuais da Comunidade Sete Barracas, situada no município de São Miguel do Tocantins (TO), o 5º Encontro Tocantinense de Agroecologia aconteceu entre os dias 24 e 27 de outubro, reunindo mais de 600 participantes, entre povos originários, comunidades tradicionais, organizações, sindicatos rurais, movimentos e pastorais sociais do estado do Tocantins.

Apresentando o tema "Territórios Agroecológicos: Tecendo resistências e esperança para o campo e a cidade na construção da democracia popular e do Bem Viver", o Encontro aconteceu no território do Bico do Papagaio, situado ao norte do estado tocantinense, e foi marcado pela integração entre os participantes e a troca de experiências. Mesas de debate, oficinas, apresentações culturais, troca de sementes, feira agroecológica e manifestações fizeram parte da programação.

A diversidade de saberes e culturas foi uma das características do evento, expressa em seus participantes. O Encontro contou com a presença dos povos indígenas Apinajé, Krahô, Kanela do Tocantins, Tapuia, Xerente e Krahô Takaywrá, agricultores familiares, camponeses, quilombolas, pescadores

artesanais, ribeirinhos, quebradeiras de coco, estudantes, juventudes rurais, pesquisadores, professores, trabalhadores sem-terra e assessores. Convidados de outros estados – como Maranhão, Pará, Piauí e Goiás – e de outros países – como França, Chile e México – também marcaram presença na Comunidade Sete Barracas.

DEVASTAÇÃO AMBIENTAL

O objetivo de fazer o diálogo entre o campo e a cidade acontecer não ficou apenas no tema do Encontro. No dia 25 de outubro, os participantes protestaram contra a devastação ambiental nos estados do Tocantins e Maranhão. As manifestações aconteceram na cidade de Imperatriz (MA), município que faz divisa com a região do Bico do Papagaio, território que abarca a transição dos biomas Cerrado e Amazônia.

As ações buscaram sensibilizar e conscientizar a população para a grave situação ambiental dos estados, que já compromete o abastecimento de água, a saúde e a qualidade de vida das populações urbanas e rurais. O protesto foi realizado em três localidades diferentes: em frente à Fábrica da Empresa Suzano Papel e Celulose, na Praça de Fátima, e, por fim, na Ponte Dom Afonso Felipe Gregori.

No primeiro ato, que ocorreu em frente à Fábrica da Suzano, cerca de 300 participantes realizaram um grande círculo de braços dados. No centro da roda, dezenas de cruzes foram fincadas no chão, simbolizando a morte dos rios, das matas e dos povos da região tocantina, impactada pelas ações da Empresa.

De acordo com Rosalva Gomes, assessora do Movimento Interestadual das Quebradeiras de Coco Babaçu (MIQCB), a degradação do Rio Tocantins e seus afluentes é um impacto direto das ações da Suzano em Imperatriz. "Na comunidade onde eu fui criada, temos dois brejos que estão praticamente secos. É perceptível a diminuição do volume do Rio Tocantins, que seca a cada ano. Isso acontece devido ao desmatamento e pela água que é utilizada na fábrica", ressalta.

Texto: Bruno Santiago/Campanha Nacional em Defesa do Cerrado. Fotos: Bruno Santiago e Carlos Vinicius Santos/ APA-TO.

Na Ponte Dom Afonso Felipe Gregori, última parada do itinerário de manifestações, que conecta os dois estados passando por cima do Rio Tocantins, de maneira pacífica, os manifestantes entoaram cantos e clamaram por suas demandas. Para finalizar o dia de protestos, foram penduradas faixas de aproximadamente 20 metros com os dizeres: "Agrotóxico mata", "Suzano mata as águas" e "Agroecologia é vida".

AGROECOLOGIA EM REDE

O Encontro é uma iniciativa da Articulação Tocantinense de Agroecologia (ATA), que desde 2015 atua para integrar comunidades tradicionais e povos originários com o objetivo de promover troca de experiências, formação, integração e organização política.

Para a jovem agricultora e estudante da Escola Família Agrícola do Bico do Papagaio, Antônia Ruth, é preciso mostrar para a cidade o que o campo está fazendo. "Esse encontro de Agroecologia é importante porque podemos mostrar que estamos produzindo de maneira agroecológica e diversificada, sem precisar envenenar nossas plantações e rios, desmatar ou poluir", enfatiza.

De acordo com a coordenação executiva da ATA, a Agroecologia deve ser compreendida como uma ciência, uma prática e um movimento, apresentando um caminho possível para o desenvolvimento sustentável de nossa sociedade. Ainda segundo a coordenação, a 6ª edição do Encontro Tocantinense de Agroecologia já está sendo planejada e organizada.

BRASIL

As veias que não se rompem, mas sim estão abertas a impulsionar os corações a luta.

Dia após dia, a população atônita segue bombardeada ao se deparar com as pautas do retrocesso, as retiradas de direitos. Mais do que isso, a supressão dos sonhos, ainda que parte importante permaneça ingênua, anestesiada pela miopia dos mundos paralelos que as ilhas da fantasia digitais (redes e perfis sociais) proporcionam. O ataque ao Estado Democrático de Direito e o consequente enfraquecimento das instituições deixam a população com o pior do Estado, sua condição repressiva.

Na perspectiva de milhares de brasileiras e brasileiros, se tivéssemos como garimpar sentimentos e fosse possível, tal qual nas redes sociais, observar os algoritmos motrizes das vontades para a população brasileira, certamente a desesperança estaria nos Trending Topics.

A marcha da insensatez que toma conta do país e aniquila a soberania nacional a cada gesto ou palavra de integrantes do atual governo tem alcance amplo e sentido irrestrito, mas é no campo econômico, onde reside a função primordial do sistema financeiro, que produz os efeitos mais devastadores.

Bancos púbicos e outras estatais estratégicas e superavitárias, Seguridade Social, Direitos Trabalhistas, Direito a Habitação, à Justiça, à Saúde, à Educação e até mesmo à comida são descartados e colocados como inimigos do desmonte pretendido, que objetiva o favorecimento do mercado financeiro e do capital improdutivo. O discurso oficial desconsidera a necessidade de investimento no crescimento e na modernização da indústria nacional, no desenvolvimento regional e em políticas públicas de cunho social. O ultraliberalismo do ministro banqueiro da Economia passa ao largo disso. Tem-se, então, um cenário de fim de feira para as proteções sociais óbvias em qualquer país minimamente estável e que busque proteger suas famílias da barbárie.

O momento exige o máximo de resistência por parte da categoria bancária, em aliança com todos os segmentos sociais. Requer também ação, proatividade, em defesa do patrimônio público, das riquezas naturais do país e da soberania nacional. Precisamos dialogar e deixar claro à população brasileira que essas ações não fazem parte da defesa de uma categoria profissional, o estrago que se avizinha prejudicará todos e impedirá nossas possibilidades de desenvolvimento.

O fato é que, como diria um colega de trabalho, "os números sob tortura confessam qualquer negócio". Então vejamos, os argumentos do governo para a aprovação da Reforma da Previdência, comprovadamente fraudados, e outros para as demais Reformas ditas necessárias se coadunam com as justificativas para o massacre dos povos do campo, das águas e das florestas e a instaurada política de destruição ambiental e assumem significados distintos conforme receptor da mensagem.

1. Para o rentismo: significa renovar com enorme segurança a dívida pública que, a título de conhecimento, consumirá 44% do orçamento em 2019. Ainda assim, a ambição dos banqueiros, que patrocinam o desespero brasileiro, parece não ter fim e exige a quebra do Sistema de Seguridade Social, privatizações indecentes, sucateamento dos serviços públicos e o estabelecimento da desordem geral, a tônica da morte para expatriação de recursos financeiros e ambientais.

2. Para os trabalhadores, povo brasileiro: significa rompimento de contrato, postergação de planos, diminuição abrupta da renda. Impacta a circulação da renda em mais de 3.900 municípios brasileiros (70%), cuja receita provém quase que exclusivamente dos benefícios do INSS. Diminuição na oferta de postos de trabalho, recessão, precarização e empobrecimento, vez que o valor do benefício de aposentadoria seria fortemente impactado. Além disso, todo o contexto condena o Brasil à produção de commodities e trava qualquer possibilidade de desenvolvimento sustentável, afastando definitivamente a Nação dos Objetivos Globais para o Desenvolvimento Sustentável e impedindo o aporte de recursos internacionais, como já estamos observando.

Toda essa negociata se passa à luz do dia, sem pose nem protocolo, soberbamente cínica, a democracia aviltada e deturpada pela violência nata das elites do atraso, irreparavelmente vocacionadas a serem vira-latas, coadjuvantes no sistema de trocas internacionais. A passos largos transfigura-se em estado de exceção, acobertado pelo fino verniz da nossa democracia de baixíssimo impacto, verdadeiros absurdos são perpetrados, normalizando prisões e assassinatos de lideranças do povo. Lula, Anderson Gomes, Marielle Franco, Emyra Wajãpi e o declarado genocídio das populações negra, indígena, de trabalhadores rurais e pessoas desabrigadas, potencializado a partir do inconcebível auto de resistência e do excludente de ilicitude.

Nessa babel, você ainda tem dúvida sobre aonde isso vai nos levar? Que projeto é este afinal que, a despeito da rude fala "trabalhador terá de escolher entre direitos e emprego", escancara na verdade o lugar que nos querem reservar. Que país nos tenta tirar e qual nos oferece, após a entrega de patrimônios estratégicos, como os bancos públicos, fundamentais para se pensar e praticar um projeto de nação que possibilita investimento, inclusive diversificando-o em todo o território nacional, e público, e assim gerando desenvolvimento, oportunidades e inclusão. Não, parte da elite, a vira-lata nacional, prefere o caminho de sempre, a submissão incondicional e a venda por completo da soberania.

E como dito, as veias que não se rompem, mas sim estão abertas a impulsionar os corações à luta, anunciam os bons ventos da mudança. A esperança, neste fim de 2019, trazida pela libertação do líder nacional Luís Inácio Lula da Silva, pode agregar pessoas a este movimento de cobrança popular em nome das condições de vida da família brasileira, que sofre ao não conseguir fechar seu escasso orçamento mensal. As manifestações não cessam, a Marcha das Margaridas, os movimentos propostos por cientistas e professores, as cobranças internacionais realizadas por indígenas, a luta renhida dos Sem Terra e Sem Teto por um Brasil melhor para todos e todas. Todos esses levantes são elementos fundamentais, que nos trazem esperança, capazes de aglutinar milhões de desalentadas e desalentados e, na luta, esperançar. Imperativos à vitória e, em última instância, seu significado clareia e materializa que a Nossa luta é: por dignidade, igualdade de oportunidade, direitos, empregos, contra as privatizações, por saúde, pelo justo descanso nos finais de semana e feriados e pela justa aposentadoria.

Diante desse cenário, não há espaço para o ceticismo ou o isolamento, sob pena de brevemente sucumbirmos. Pelo contrário, fortalecermo-nos na luta e ampliar nossa solidariedade são elementos-chave para um outro porvir. Criar musculatura na participação, fortalecer o associativismo sindical e ter unidade de ação com os demais movimentos sociais e de trabalhadores, alinhada à preocupação com os temas estratégicos nacionais, é um itinerário inevitável para aqueles que desejam resistir pra existir. Portanto, a hora é de unidade. Vamos somar; nós precisamos de nós!

Para mantermos a representatividade na diversidade, estamos aprimorando nossos meios de comunicação e nossa atuação junto aos movimentos sociais de diversos matizes. Os desafios são inúmeros, estamos conscientes do árduo trabalho para concretizar os objetivos e trazer à tona os anseios dos trabalhadores e de toda sociedade.

El Ateneo Grand Splendid:

UMA DAS LIVRARIAS MAIS BELAS DO MUNDO

Eduardo Pereira

Para celebrar a vitória de Alberto Fernandez e Cristina Kirchner no último dia 27 de outubro como presidente e vice-presidenta da Argentina, nesta edição nosso convite pra você é dar um pulo até Buenos Aires e, estando por lá, reservar um tempo para visitar a Livraria El Ateneo, uma das mais lindas do planeta.

Eleita pelo jornal britânico The Guardian como a segunda livraria mais linda do mundo [1], a Livraria El Ateneo, está localizada no bairro de La Recolecta, no prédio do antigo Teatro Grand Splendid, onde um dia se apresentou o grande cantor Carlos Gardel. A livraria, de mais de 100 anos de idade, está instalada neste prédio histórico desde o ano 2000.

O esplendor do teatro continua nos camarotes que hoje servem de espaços para leitura. No lugar das poltronas, agora existem estantes cheias livros, com destaque para a seção de literatura infantil, no subsolo. Já nos pisos superiores, você vai se encantar com uma fabulosa galeria de arte e uma seção de música clássica, além da visão imperdível da belíssima cúpula e das históricas cortinas de veludo do velho teatro.

Por fim, no palco central, o complexo oferece um café – não é barato, mas seguramente a torta de chocolate com doce de leite é divina, e a loja da livraria oferece cerca de 120 mil títulos de livros e 10 mil CDs.

SERVIÇO

Avenida Santa Fé, 1860.
Telefone: 4813 6052
Horário de funcionamento

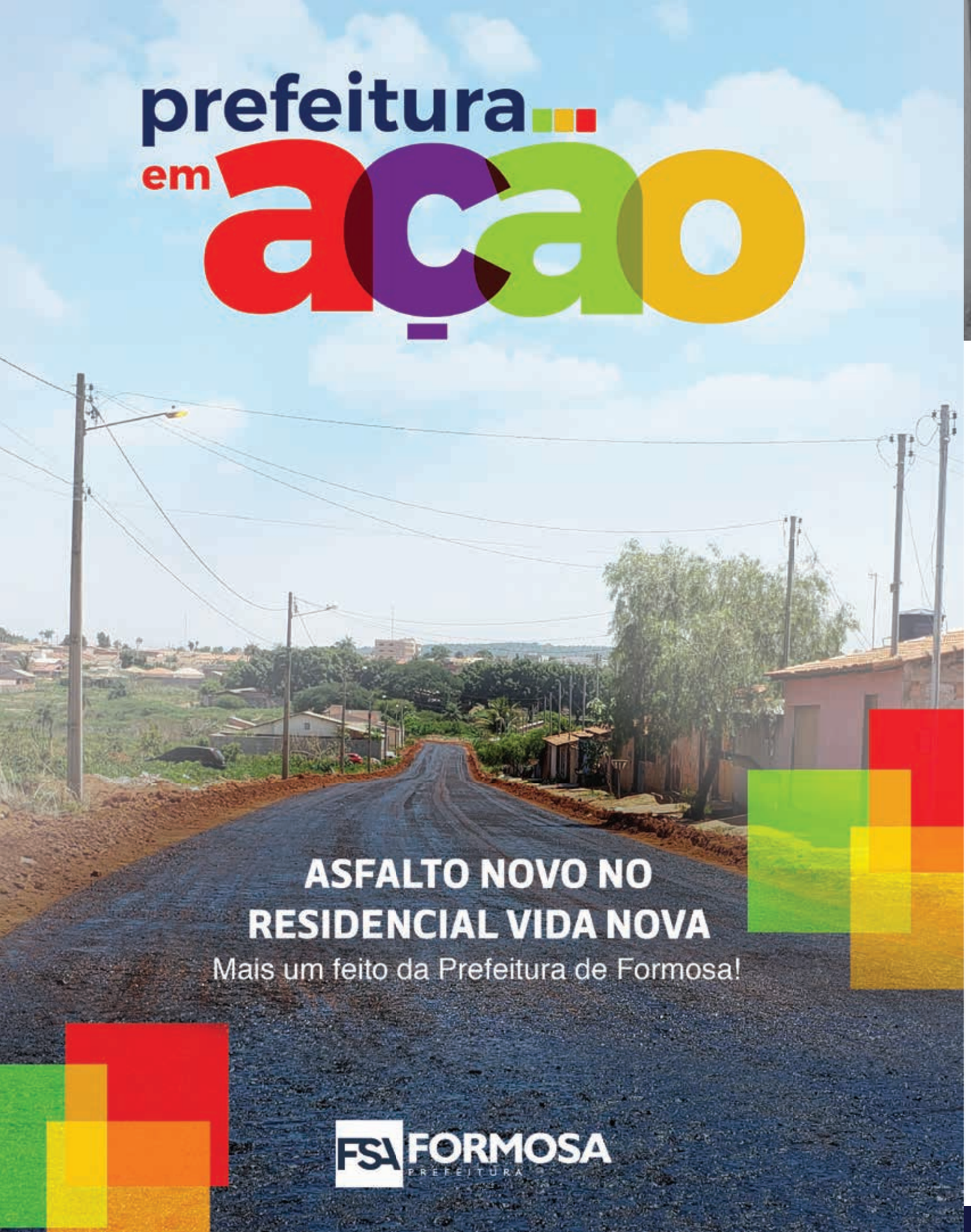
- segunda a quinta: das 9 às 22 horas
- sexta e sábado: das 9 horas até 00 hora
- domingo: das 12 às 22 horas

Como chegar?

- Linha de metrô D – VERDE: Estação Callao (4 quarteirões, sentido Santa Fé)
- Linhas de ônibus: 10 – 12 – 37 – 39 – 101 – 108 – 124 – 132 – 150 – 152.

Eduardo Pereira
Sociólogo, Fonte: https://buenosairesturismo.com.br/passeios
@weiss_guru

[1] A livraria mais linda do mundo, segundo o The Guardian é a Selexyz Dominicanen Boekhandel na cidade holandesa de Maastricht.



Fotos: Acervo Histórico

MEMÓRIAS DA RUA VISCONDE

Zezé Weiss

Minha família e eu chegamos a Formosa no início dos anos 1970. Pra quem tinha apenas 15 anos e vinha de Riolândia, uma minúscula cidadezinha agrícola à beira do Rio Grande, no interior de São Paulo, os casarões de Formosa pareciam coisa do outro mundo. Hoje quase extintos, eles eram lindos, esplêndidos!

Moramos em dois deles, ambos com assoalho de tábuas, telhado coberto por telhas comuns e lindos janelões coloniais, pintados de azul. Um dava começo à rua do cartório do Clarival de Miranda, saindo da Praça da Matriz, ali onde fica agora o prédio modernoso em que funciona a Caixa Econômica Federal.

O outro ficava bem na esquina da Rua Visconde de Porto Seguro com a Emílio Póvoa. Era imenso, crescia na lateral até dar de frente com a Casa Domingues, loja do seu Antero Domingues, que já existia naqueles tempos. O dono do casarão era o seu Odílio Braga, pai da Taninha e sogro do Mário Miguel, que moravam e tinham uma loja de móveis ali na Visconde, do outro lado da rua. Bem à moda antiga, existia na casa um alpendre, ao lado do nosso quarto e se estendendo até a entrada do salão enorme que dava acesso aos quartos e ao restante da casa. Ali dormia o Antônio Latinha (ex-combatente da Força Expedicionária Brasileira na II Guerra – segundo diziam), que chegava todo dia antes da meia noite, retirava sua tralha de uma mala surrada e se acomodava para o sono. Em volta do leito improvisado ele colocava muitas latinhas, como que cercando mesmo. Bem cedinho, Antônio começava um ritual de bater as latinhas no chão e umas nas outras, ao tempo em que murmurava palavras incompreensíveis e guardava tudo na mala. Era o nosso despertador, e muitas vezes saíamos para a escola com ele ainda lá, batendo as latinhas. Nenhum medo, só um respeito enorme por aquele homem, cuja história ninguém sabia direito, mas seguramente era de muita importância, dizia nossa mãe.

Foi com seu Odílio que descobri o sofisticado ritual da procissão do enterro, tão diferente dos raros e singelos funerais dos tempos de Riolândia. Em Formosa, grande parte dos sepultamentos eram precedidos de procissão, a pé, da Catedral até o cemitério da Praça da Concórdia, com seu Odílio à frente, puxando as rezas, organizando a procissão. Em respeito ao finado, as lojas cerravam as portas para a passagem, os homens tiravam os chapéus, coisa ainda em voga naquela época.

Na mesma Visconde, bem mais pra baixo, existia outro ser humano ímpar, chamado Miguel das Abóboras. Não sei bem como o conheci, mas foi de Miguel das Abóboras que ouvi pela primeira vez a palavra ciclovia. Mangavam muito dele por conta daquela ideia fixa de fazer de Formosa uma cidade ecológica, movida a bicicletas.

Zezé Weiss
Jornalista.

FSA FORMOSA PREFEITURA

EMBELEZAR CABELOS BRANCOS

Clarice Lispector

Cabelos brancos podem se tornar sua coqueteria, seu motivo de atração. Mas precisam ser cuidados, enfeitados.

OURO NO BRANCO – Para alourar os cabelos brancos, molhe-os com uma mistura de duzentos e cinquenta gramas de tintura de ruibarbo e duzentos e cinquenta gramas de água.

BRANQUEAR OS CABELOS BRANCOS – O feio dos cabelos brancos está no tom amarelado ou acinzentado. O que pode fazer para branqueá-los? Depois de lavá-los com xampu, lave-os com 1 litro de água ao qual você terá acrescentado 2 colheres (das de sopa) de água oxigenada.

PRATA NO BRANCO – Uma coisa linda em cabelos brancos é o reflexo prateado. E é tão fácil conseguir! Basta usar anil na água de lavá-los. Quanto anil? A mesma quantidade que daria certo na sua roupa branca.

Clarice Lispector (in memoriam) em "Só para Mulheres – Conselhos, Receitas e Segredos", organização Maria Aparecida Nunes, editora Rocco, 2008.

MBYTA:
PAMONHA ANCESTRAL DO POVO GUARANI

O *avaxi* (milho), junto com a *jety* (batata-doce), o *jejy* (palmito), a *manji´o* ou *mandi'o* (mandioca) e o *manduvi* (amendoim) constituem alguns dos principais alimentos dos povos Guarani.

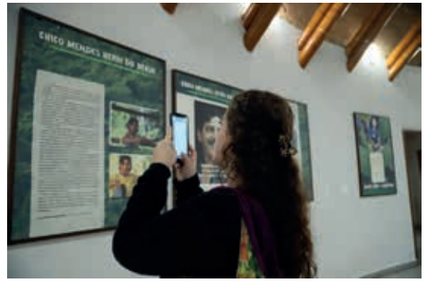
Com o milho ralado, os Guarani M´Bya do litoral de São Paulo fazem uma espécie de bolo-pamonha, o MBYTA, cozido por baixo e por cima em uma forma forrada com folhas de caeté (caeté ou caité), conhecida entre os Guarani como *peguao*.

Forra-se uma forma com as folhas, cobre com milho ralado, puro e tão somente milho ralado, e cobre-se tudo com mais folhas. Tudo bem fechadinho para não cair cinza na massa. Acende-se fogo em cima e em baixo e espera até a massa endurecer. Lembra uma pamonha assada, sem sal. Mas a brasa confere um saborzinho especial.

Ou então a massa de milho é despejada nos pacotinhos de folhas de caeté (peguao), amarradas com palha de milho. Essas pamonhinhas ancestrais, também são chamadas de MBYTA.

Fonte: ISA/https://terrasindigenas.org.br

SINPRO INAUGURA EXPOSIÇÃO PERMANENTE CHICO MENDES HERÓI DO BRASIL



O Sindicato dos Professores no Distrito Federal (Sinpro-DF) inaugurou em novembro a exposição permanente "Chico Mendes Herói do Brasil". A mostra ficará instalada no Espaço Educador Chico Mendes, na Chácara do Professor, localizada no Núcleo Rural Alexandre Gusmão, em Brazlândia.

O projeto que registra a trajetória de vida e de lutas do líder sindicalista e ambientalista Chico Mendes nos seringais do Acre, e no coração da Amazônia é uma parceria entre o Sindicato dos Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais de Xapuri-Acre, o Memorial Chico Mendes e o Conselho Nacional das Populações Extrativistas (CNS).

Produzida pela Revista Xapuri Socioambiental, a exposição é composta por quadros impressos em papel canvas, com molduras em madeira de demolição. A atividade de lançamento contou com a presença de Angela Mendes, filha de Chico Mendes; Raimundo Mendes de Barros, primo e companheiro de lutas de Chico Mendes; Júlia Feitoza Dias, companheira de lutas e apoiadora de Chico Mendes no Sindicato dos Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais de Xapuri; Joaquim Correa de Souza Belo, presidente do Conselho Nacional das Populações Extrativistas (CNS) e mais de 30 lideranças comunitárias do movimento extrativista da Amazônia e dos demais biomas brasileiros.

QUEM FOI CHICO MENDES

Nascido num seringal no Acre e criado em família de seringueiros, Chico Mendes começou a trabalhar aos 12 anos para substituir o pai no sustento da casa. Em 1970, chamou a atenção de fazendeiros por sua atuação no sindicalismo e por liderar manifestações pela preservação da Amazônia – em um momento em que, a fim de se expandir a agropecuária, o desmatamento começava a avançar na floresta.

Em 1985, liderou o 1º Encontro Nacional de Seringueiros, no qual foi criado o Conselho Nacional dos Seringueiros, principal referência da categoria.

Como sindicalista, Mendes passou a organizar manifestações de seringueiros para impedir o desmatamento, que afetava seus modos de vida. Uma de suas táticas de ação ficou conhecida como "empate", forma de manifestação em que seringueiros se colocavam à frente de uma área a ser devastada. Como contraproposta, ele defendia a criação de reservas extrativistas, áreas protegidas e utilizadas de forma sustentável para o trabalho dos povos da floresta.

Chico Mendes foi assassinado por um tiro de escopeta em frente à sua casa, na cidade de Xapuri, no Acre. Tudo aconteceu em 22 de dezembro de 1988, sete dias depois de completar 44 anos. Naquele dia, o ativista estava acompanhado por dois policiais responsáveis por sua segurança – que, de dentro de casa, não conseguiram evitar o crime. Ameaçado meses antes, Mendes foi morto pelo fazendeiro Darly Alves da Silva e seu filho, que planejavam transformar numa grande propriedade o território que o ativista defendia.

Segundo relatos, ele era bom na lida com o látex das árvores e chegou a ser premiado o seringueiro mais produtivo no lugar onde vivia. Insatisfeito com as condições de trabalho – marcadas, segundo ele, pela exploração de grandes proprietários –, iniciou a vida sindical em 1975. Dois anos depois, fundou o Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Xapuri.

Até hoje, 30 após sua morte, os ideais de Chico Mendes ainda são considerados a melhor maneira de proteger a floresta.

Ambiental SINPRO DF
SINDICATO DOS PROFESSORES NO DISTRITO FEDERAL

TARTARUGA-DE-PENTE: A MAIS TROPICAL DE TODAS AS TARTARUGAS MARINHAS

A tartaruga-de-pente *(Eretmochelys imbricata)*, também conhecida como tartaruga-legítima, é a mais tropical de todas as tartarugas marinhas e encontra-se distribuída pelos oceanos Atlântico, Índico e Pacífico.

Criticamente ameaçada de extinção, segundo a União Internacional para a Conservação da Natureza e dos Recursos Naturais (IUCN), a tartaruga-de-pente, espécie de réptil da ordem Testudines e da família *Cheloniidae*, vive nos recifes de corais e em regiões de águas costeiras rasas, sendo raramente encontrada em grandes profundidades.

A tartaruga-de-pente não é tão grande quanto a tartaruga-de-couro, porém chega a atingir 114 cm de comprimento de carapaça e seu peso é de até 150 kg. Assim como as outras tartarugas marinhas, essa espécie apresenta um ciclo de vida longo, e a maturidade sexual só é atingida após os 25 anos de idade.

De cor marrom-amarelado, seu casco é formado por quatro placas laterais que se imbricam como telhas. Sua cabeça é pequena e alongada. O bico parece o de um falcão. Alimenta-se de esponjas, anêmonas, lulas e camarões.

Sua desova ocorre normalmente à noite, e a época de reprodução ocorre entre os meses de novembro e março. No Brasil, a tartaruga-de-pente desova no litoral da Bahia, Sergipe, Rio Grande do Norte, Paraíba, Ceará, Espírito Santo e Pernambuco, mas sobretudo no litoral norte da Bahia, onde é possível observar até mil desovas em cada temporada reprodutiva.

Em cada postura, as tartarugas colocam até 135 ovos, e o sexo dos filhotes é determinado pela temperatura do ninho. Quando a temperatura está mais elevada, mais fêmeas nascem; quando está mais frio, são produzidos mais machos. Sendo assim, podemos concluir que no litoral baiano, que é uma grande área de desova, nasce um maior número de fêmeas.

Em média, a cada mil filhotes nascidos, apenas um atinge a maturidade. Isso ocorre pela dificuldade de sobrevivência em virtude da grande quantidade de predadores, do ciclo de vida longo e, principalmente, da ação humana, que polui o ambiente em que esses animais vivem, além de promover a caça indiscriminada.

Antigamente seu casco era usado na fabricação de pentes, daí o seu nome.

Fontes: www.tamar.org.br - https://brasilescola.uol.com.br, com edições de Eduardo Pereira.

CANTO DA TERRA

Carlos Marighella

A terra tem tudo
e plantando é que dá.

E plantaram e plantaram
ou já estava plantado.
A floresta Amazônica,
o rio e os peixes
e o balacubau.

A Caatinga existia
com a braúna,
o mandacaru
e o gravatá cariango.
As coxilhas do Sul,
o maciço do Atlântico,
a Serra do Mar,
os pinheiros erguidos,
o rio Amazonas,
o rio São Francisco,
o rio Paraná...

Canaviais assobiando,
cortina verde estendida
sobre imensa extensão.

E plantaram café
e cacau e borracha...
E plantaram erva-mate...

Com o escravo e o imigrante
tudo se fez.
Comidas meu santo,
a mulata, a morena...
e até a loura surgiu.
A índia já havia,
a gringa veio depois.
Quem atrapalhou
foi gente de fora
que não trabalhou.

Eu canto a terra...
Todos sabem que outra
mais garrida não há...
"Teus risonhos, lindos campos têm mais
flores"...
Bom! Lírios já houve,
mas agora é que não.

Eu canto a terra,
eu canto o povo...
Cantam os poetas
e cantando vão...

Carlos Marighella (05/12/1911 – 04/11/1669) – Revolucionário. Poeta. Publicamos este poema para registrar os cinquenta anos do assassinato de Marighella pela ditadura militar brasileira (1964-1985).

A ÚLTIMA PERGUNTA: REALIDADE OU ILUSÃO?

Altair Sales Barbosa

Esta crônica é dedicada ao grande mestre Binômino da Costa Lima, da cidade de Jataí, o mais sábio e maior conhecedor do Cerrado que tive a oportunidade de conhecer em toda minha vida de pesquisador.

Certa vez, um outro sábio trovador, que vive na fronteira entre a Caatinga e o Cerrado, afirmou em um de seus poemas canções: "No Cerrado já vi coisas do invisível e do mal-assombrado." Refiro-me ao cantador escatológico Elomar Figueira Mello, que vive lá para as bandas do rio Gavião.

Também ouvi de outros cantadores sensíveis aos elementos do meio ambiente, invisíveis aos olhos dos viventes normais, dentre estes, Mestre Arnaldo, que afirma em uma de suas canções: *"Cada gota d'água é uma vida. A vida gota a gota se aflora. Se não cuidar da gota d'água. A vida gota a gota se evapora."*

Atravessando o planalto de leste a oeste, um certo dia, direto do coração do Cerrado, afirmei através de uma longa entrevista ao Jornal Opção, de Goiânia, que o Cerrado já estava extinto na plenitude de sua biodiversidade. Esta afirmação era resultado de mais de 40 anos de pesquisas neste ambiente, considerado um sistema biogeográfico.

A denominação deriva do aprendizado e das observações que fiz, juntamente com inúmeros pesquisadores que passaram pela minha vida e me fizeram entender que essa matriz ambiental é um sistema composto por diversos subsistemas e microambientes intimamente interligados, cuja modificação em qualquer desses subsistemas, e microambientes, provoca modificação no sistema como um todo, que engloba não só o quadro vegetacional, mas também todos os elementos que compõem um ecossistema, tanto natural como artificial.

Quando me refiro aos ecossistemas naturais, o faço também ao oligotrofismo do solo, ao fogo, aos fenômenos atmosféricos de um modo geral, às formas de relevo, às águas superficiais e subterrâneas etc. Quando me refiro aos ecossistemas artificiais, estou salientando as cidades, as metrópoles, as rodovias, as ferrovias, os campos de cultivo, as represas etc.

Todavia, num dando momento, um estalo clareou a minha mente e, tentando duvidar da minha própria afirmação, de que o cerrado se encontra extinto, saí em busca de respostas. Tanto nas teorias científicas, quanto nos modelos de economia, nas ações governamentais e seus recheados relatórios, como também nas atividades e comportamento das populações ditas conscientes.

Percorri centímetro por centímetro dos chapadões centrais da América do Sul e, com olhos aguçados reparava os detalhes, tanto os microscópicos, visíveis somente aos pesquisadores, quanto aos macroscópicos, visíveis por muitos. Conversei com professores indígenas, com ribeirinhos e outros habitantes tradicionais, bebendo dessa fonte, sempre na ânsia de encontrar uma resposta satisfatória, que pudesse contradizer minhas afirmações. Mergulhei na vasta literatura existente, com uma pergunta formulada: verdade ou ilusão?

Quisera eu demonstrar que o argumento da temporalidade e da irreversibilidade que alicerçava minha argumentação estava equivocado e que por isso, o Cerrado, enquanto pelo menos vegetação, poderia perfeitamente se regenerar de onde havia se extinguido. Mas a descoberta das leis do não equilíbrio e dos rumos que tomaram a nova evolução da dinâmica clássica que vêm demonstrando o caráter imprevisível do desenvolvimento da ciência, fez renascer ou ressurgir com clareza o papel do tempo.

A descoberta das leis do não equilíbrio me fez perceber, tanto em nível microscópico quanto no macroscópico, que a predição do futuro mistura determinismo e probabilidade e que a irreversibilidade só é destrutiva para os modelos de ações que a criaram. Na seta de um tempo maior, ela pode trazer novas configurações e até novas ordens.

O ESPANTO COM A EXPANSÃO DA DEGRADAÇÃO

O período compreendido entre o final da Segunda Guerra Mundial e 1970 já pode ser considerado o período em que a humanidade alcançou o apogeu, no sentido de transformar restos de guerra em insumos para produção.

Para que isso pudesse se transformar em realidade, uniu grande capital e houve investimento em massa na ciência. Na realidade, apenas em uma perna da ciência, aquela que busca a produção. Países foram eleitos como cobaias para as novas experiências científicas, que buscavam aumentar a produtividade, principalmente na área da agricultura e pecuária.

Centros de excelência científica foram montados nesses países, incluindo México, Ceilão e Brasil e, com base na seleção de pessoal capacitado e muito investimento em infraestrutura, os resultados salpicaram de imediato, feito milho de pipoca estourando na gordura quente.

Foram criadas tecnologias para transformar o solo oligotrófico, do Cerrado, em solo altamente produtivo para muitas espécies vegetais exóticas. Com as sobras de insumos químicos, criaram venenos poderosos para combater as pragas, tanto vegetais como animais, que as novas plantas traziam. Surgiram herbicidas, fungicidas e inseticidas eficazes.

E, no dizer do grande mestre Milton Santos, aqui no Brasil voltaram suas vistas para as terras abençoadas ou lugares iluminados. Onde estavam essas terras? Primeiramente, nos grandes chapadões e nos interflúvios do Cerrado.

Escolhido o alvo inicial, era preciso o tiro certeiro. Então, imediatamente investiu-se na criação de uma tecnologia que colocasse por terra as plantas existentes nos locais. Os pesquisadores, criadores de tais insumos tecnológicos, não estudaram sistematicamente o ambiente, desconheciam as funções ecológicas das plantas que ali estavam, tampouco buscaram um conhecimento mais profundo dos processos evolutivos do Cerrado.

Por isso, nem de longe imaginavam que aquelas ações, carentes de um conhecimento sistêmico, eram apenas o início de uma transformação ambiental sem precedentes, que paulatinamente colocou em desequilíbrio os elementos ambientais atmosféricos, litosféricos, hidrosféricos, bióticos e culturais, não só em termos de dinâmica, mas também de termodinâmica, cujo processo cumulativo em poucos anos já se manifesta globalmente.

Inicialmente, instalaram-se sob forma de empresas agrícolas, depois em complexos agroindustriais. Os agentes nacionais aliados funcionaram e ainda funcionam como cabeças de pontes do grande complexo multinacional interessado nos monocultivos para exportação. Para produzir, passam a contar com a carteira creditícia do Banco do Brasil na obtenção de financiamento.

Em suma, o próprio capital externo emprestado ao governo brasileiro, que deveria ser utilizado para desenvolver a agropecuária de base nacional, retorna ao seu primitivo dono acrescido de juros, taxas e correção monetária ao ser direcionado para financiar parte dos investimentos locados na cadeia produtiva da grande empresa multinacional. O exemplo mais claro é o avanço da soja sobre os chapadões do Cerrado em virtude do fácil manejo desses terrenos, da fartura de água e das novas tecnologias desenvolvidas.

A partir da anexação do campo à economia de mercado, implementada de forma agressiva e acelerada, tem-se a destruição da unidade familiar camponesa pela grande empresa monocultora, na medida em que essa última, ao se instalar no território regional preferido, necessita cada vez mais de terras para incrementar a produção e expandir os monocultivos e criatórios, incentivos destinados ao abastecimento do mercado nacional e externo. Consequentemente, para os nacionais que persistem pelo trabalho em permanecer livres na própria terra, ocorre a contínua e progressiva redução dos espaços habitados e habitáveis.

Nos anos subsequentes, no meio rural e regional do Cerrado, foram-se avolumando as situações conflitivas entre as forças produtivas dominantes e as relações de produção dominadas pelos pequenos e médios proprietários e trabalhadores rurais.

As contradições surgidas entre agentes da velha estrutura fundiária nacional e os da nova estrutura emergente, aqueles que detêm a força do capital financeiro, tornaram-se cada vez mais antagônicas e desiguais, a ponto de romper, em questão de alguns anos, o lado mais fraco da cadeia produtiva.

Desestabiliza-se a tradicional estrutura agrária brasileira, carente de suporte de capitais, de assistência técnica e de políticas públicas que garantam empréstimos e preços competitivos aos seus produtos.

De posse das novas tecnologias, os grandes proprietários rurais expandiram suas plantações para diversos subsistemas do Cerrado, como o cerrado *stricto sensu*, cerradão, as veredas e os cerrados existentes nas mesetas dos interflúvios, que são aqueles espaços que separam as microbacias. E assim, dessa forma, alcançaram todo o cerrado, criando infraestrutura de suporte para o escoamento, vários pontos urbanos novos surgiram, e as comunidades que viviam dos sistemas agrícolas tradicionais foram ou estão sendo totalmente desestruturadas.

Também a venda e a partilha de heranças ocasionaram acelerada fragmentação da propriedade do produtor nacional, acompanhada de rápida desestabilização do seu "modo de vida". Em contrapartida, a compra induzida e efetivada a favor de empresários e empresas conduziu à concentração da propriedade da terra nas mãos dos magnatas do capital.

Essas transações, com os seus respectivos desdobramentos econômicos e sociais, contribuíram para a perda da estabilidade do trabalhador rural brasileiro, juntamente com a sua família, nos moldes dos seus padrões de vivência campesina.

A progressiva desestabilização do seu *modus vivendi* econômico, social e cultural terminou por expulsá-lo do meio onde vivia na condição de pequeno ou médio proprietário ou de trabalhador agregado como meeiro, posseiro, tarefeiro, diarista etc.

Rapidamente, ocorreu a queda de sua vivência coletiva uno familiar, obrigando-o a ser um itinerante-peregrino, boia-fria, a perambular pelas estradas do Brasil à procura de terra e trabalho, terminando o seu percurso migratório como mão de obra explorada nas médias e grandes cidades brasileiras, lugares onde a vida é totalmente monetária, onde tudo se compra e tudo se paga.

Nelas, na maioria das vezes, passa a viver como marginalizado social, na condição de subempregado ou de assalariado urbano ou de desempregado. Nessa última condição, faz parte do contingente de reserva de mão de obra barata a ser utilizada, no amanhã, quando se fizer necessário. Muitos, para se manterem no plano existencial, procuram se incorporar à economia informal, como única opção de sobrevivência no meio citadino.

Uma segunda faceta da matriz geográfica, tão preocupante como a espacial rural, é a espacial urbana que, atualmente, assume índices alarmantes em termos de vivência sociocomunitária e que, sem sombra de dúvida, é consequência da desterritorialização provocada pela política agrária.

O universo urbano concentra a maior porcentagem dos habitantes. Há de se ter em conta a virada da população rural para urbana a partir da década de 1970, momento em que se dá a incorporação do campo à economia de mercado, com o advento do império do capital financeiro das grandes empresas monocultoras, recebendo efetivo apoio logístico das políticas públicas.

Ruy Moreira atribui a esse fenômeno o nome de desterritorialização, que, segundo ele, traz para o mundo atual a categoria dos SEM (Sem-Terra, Sem-Teto, Sem-Emprego, Sem-Documentos etc). Esse fenômeno acentua ainda mais a sensação e a condição de alienação.

Expulsos de suas terras pelos poderosos, através da compra e falsificação de títulos, os posseiros, em cujas posses não legalizadas viviam durante várias gerações, vão buscar abrigos nos centros urbanos ou postos de serviços implantados ao longo dos sistemas viários. Nesses locais, os sem-terra se transformam também nos sem-teto.

Nos centros urbanos, essa categoria social vai ocupar as periferias, as planícies de inundação dos rios, as encostas dos morros etc. Nesses locais, as famílias vão estruturando suas vidas e seus espaços, caracterizados pela desorganização social e ambiental.

E, assim, vão tocando em frente suas vidas, até que, num belo dia, um dos ciclos naturais provoca excesso de chuvas. Quando estas se precipitam nos morros, o solo é saturado, e a água acumulada no lençol freático pode se armazenar numa rocha não porosa do substrato, formando um aquiclude que escorre com uma grande energia, levando tudo que se encontra à frente.

Quando o aumento da pluviosidade enche os rios, estes transbordam e cobram de volta suas planícies de inundação que, por sua vez, estão ocupadas pelos barracos. As consequências são destruição, mortes, doenças e a origem de uma situação social ainda mais desesperadora.

As comunidades desestruturadas não encontram também nos pólos urbanos empregos estáveis, capazes de lhes permitirem uma melhor perspectiva de futuro. Perdidos e carentes, qual cuitelinho sem néctar, num ambiente estranho, são presas fáceis das propagandas enganosas, estimuladoras do consumismo. Impossibilitados economicamente de usufruírem dos bens propagados, muitos veem a razão da existência perder a própria racionalidade e mergulham na neurose da fuga através dos alucinógenos ou procuram ter, por meio de métodos que a sociedade organizada classifica de atos ilícitos.

A desagregação da família, a prostituição infantil e a perda do amor pela vida são apenas algumas das consequências ditadas pelo desespero.

Após essa minha viagem nada fantástica, só constatei o óbvio: retiraram as plantas nativas, estão secando os aquíferos, o veneno jogado nas plantações está levando à extinção os últimos representantes da fauna nativa, desde insetos, répteis, aves e mamíferos, e ainda alienam as mentes dos inconscientes.

Tudo isso é sabido. É mais que conhecido. Porém, indaguei: Será que o povo conhece os autores de tais atrocidades? Constatei que a grande maioria sabe, mas parece cega, surda, muda e alienada. Contudo, o fato que mais me entristeceu foi ver pesquisadores deturpando fatos, em nome de interesses próprios.

Pior ainda, encontrei pesquisadores que, em pleno século 21, ainda não incluíram nos seus aprendizados a noção de que a Terra é um planeta dinâmico e sistêmico e que a globalização sempre existiu, mas se manifesta hoje de forma mais evidente, em função do aumento descomunal das populações humanas e suas bugingangas tecnológicas.

E eu que aprendi com os irmãos indígenas que a missão de quem acorda mais cedo é despertar toda a aldeia, descobri que estava completamente enganado. Percebi que, para alguns, a verdade que fala mais alto é a estabilidade financeira e a vaidade dos modismos.

Os responsáveis por essa situação são os detentores do grande capital e possuem uma grande teia de aliados, diluída em diversos escalões, cujos representantes estão distribuídos pelos vastos rincões do Brasil. Eles e seus comparsas têm muito mais do que necessitam.

Estes não só são os grandes causadores deste mal-estar, mas deveriam ser classificados como os exterminadores do futuro. Porém, nem engrossam as estatísticas da população carcerária, pois são protegidos por uma redoma magnética denominada impunidade.

Travestidos de ecologistas, hospedam o vírus da responsabilidade individual na cabeça dos fracos e inconscientes, que por sua vez saem disseminando ideias convenientes e paliativas, propondo a troca de sacolinhas plásticas por pano ou papel ou sensibilizando plateias, com suas historinhas ingênuas, como aquela do beija-flor, que sozinho tentava apagar o incêndio da floresta com uma gota de água no bico.

Os amantes da responsabilidade individual estão indo mais longe e com a bandeira descorada da educação ambiental conclamam: 'Temos que salvar o planeta'. Como se este dependesse dos homens para sobreviver. Agindo dessa forma, querem confundir a cabeça dos abnegados, possivelmente para abafarem ou não entrarem em situações conspiradoras.

Fui tentar conhecer outras experiências. Saí em busca das iniciativas ecológicas, mas o que encontrei foram pessoas que se autodenominavam produtores de água, com projetos gigantescos patrocinados pelos interesses dos grandes produtores e até pessoas de boa de fé, mas com grande ingenuidade, que também se autodenominam produtores de água.

São grupos pequenos que, com boa vontade, procuram replantar plantas exóticas nas antigas nascentes de pequenos córregos, ou isolam estas para evitar o pisoteio. Quando alguma água brota, mal sabem que aquela água, restrita ao lençol freático, não resiste a um período de maior estiagem.

As barragens dos grandes produtores de água são projetos imediatistas que desequilibram a vida e o meio físico, tanto a montante quanto a jusante dos cursos de água. Entre os dois grupos, o único elemento que compartilham em comum é a falta de conhecimento.

Continuei a viagem procurando conhecer outras iniciativas ditas sustentáveis ou ecológicas do Cerrado e quase que como uma procissão de encomendadeiras de almas encontrei pessoas de bom coração, perdidas no inconsciente de que não têm culpa, mas se acham culpadas vivendo perambulando sem rumo, talvez buscando ações do que fazer.

Encontrei receitas ingênuas de reciclagem e, no final de cada estrada, sempre encontrava um calabouço de pessoas confusas, algumas tinham até ideias, mas não encontravam o caminho. Foi então que resolvi conhecer os planos de alguns políticos. Minha descoberta foi assustadora: descobri que a maioria vive de mentiras e enganos e nunca na minha vida pude presenciar tanta hipocrisia.

Um dia, após muito tempo, e já cansado de tentar contradizer minha afirmação inicial, armei minha rede à sombra de duas árvores exóticas no leito de um riacho seco. A noite estava clara, mas não conseguia enxergar as estrelas e, após pensar muito, um conjunto de imagens ilustrou a minha mente.

Então, pensando tristonho, percebi que a resposta à minha última pergunta estava na abóboda celeste. Foi quando percebi que estava balbuciando feito um andarilho solitário: Se nos pés de araticuns não existem frutos, é porque mataram seus polinizadores. Se nossos rios estão secando, é porque estamos bebendo mais que a capacidade das fontes. E se nos campos não existem mais douradinhas e capins nativos, é porque retiraram da bandeira do Cerrado suas constelações vitais.

Altair Sales Barbosa – Arqueólogo, em "O Piar da Juriti Pepena – Narrativa Ecológica da Ocupação Humana no Cerrado". PUC Goiás, 2014.

Foto: divugação

UM PARLAMENTO ESVAZIADO

Lúcio Flávio Pinto

Em 11 de junho de 1987, o advogado Paulo Fonteles de Lima foi assassinado. O crime teve grande repercussão porque Fonteles fora deputado estadual até três meses antes. Ele foi o primeiro advogado de posseiros numa das mais conturbadas regiões do Brasil, no sul do Pará, cuja violência derivava, em grande medida, dos conflitos pela posse da terra, ainda hoje marcantes.

Ele começou a atuar no final da década de 1970, não só exercendo sua função profissional, mas também como militante político. Fonteles foi preso durante a ditadura militar como militante do Partido Comunista do Brasil. O PC do B foi uma das organizações de esquerda que optaram pela luta armada contra o regime. Adotando a estratégia de criação de focos revolucionários, implantou uma guerrilha na região do Araguaia, reprimida pelo Exército até a sua extinção, em 1972.

Solto, Fonteles voltou à região como advogado, sob grande tensão. Os militares, a polícia e os fazendeiros o monitoravam e o hostilizavam, temendo por sua ação subversiva junto a posseiros e peões que, até então, dependiam da morosidade, ineficiência e tendenciosidade do governo.

Ao seu lado, apenas uma ala da Igreja católica que, inspirada na teologia da libertação, instalava suas comissões pastorais da terra nos locais onde a situação era mais grave. O aparecimento de Fonteles abriu uma porta

nova, de acesso à justiça, através do meio técnico adequado e não mais apenas a partir de choques nas áreas e de denúncias e reivindicações sem retorno prático. Os deserdados da terra passavam a ter voz no mundo jurídico.

Como consequência lógica da sua atuação, Paulo Fonteles disputou e conquistou, em 1982, uma cadeira na Assembleia Legislativa do Estado. Quatro anos depois, sem perceber algumas mudanças ocorridas na política paraense, com a diversificação de agentes em defesa dos lavradores, tentou e não conseguiu dar um passo além, para chegar à Câmara Federal.

A perda da proteção institucional que o exercício do mandato parlamentar lhe proporcionava contra os seus inimigos, ele foi alvo do atentado. Ele recebeu três tiros, todos na cabeça, quando o carro que o transportava estacionara num posto de gasolina, a 30 quilômetros de Belém. O pistoleiro e seu acompanhante fugiram.

Dezoito meses depois, João Carlos Batista, no pleno exercício do mandato de deputado estadual, também defensor de posseiros, foi morto com dois tiros (só um o atingiu, na cabeça, mas foi fatal), quando chegava à sua casa, num bairro central de Belém, no início da noite de um dia da semana. Também eram dois homens na emboscada.

Como no caso de Fonteles, os matadores de Batista foram identificados, assim como os organizadores do atentado, mas não os mandantes. Nem os enredos de morte foram integralmente reconstituídos. Perguntas essenciais para a elucidação de todas as tramas continuam sem ser respondidas. Os crimes tinham cumprido seu objetivo assustador e intimidador

Um documentário de longa-metragem que está sendo dirigido por um irmão de João Batista há sete anos e ainda deve se prolongar até o próximo ano, antes de ser exibido, talvez ajude, pelo menos, a atrair o interesse da opinião pública sobre esses dois assassinatos políticos traumáticos.

Alguns dos testemunhos foram dados à equipe do documentário no prédio do legislativo estadual, onde os dois deputados fizeram discursos históricos sobre a disputa de terras na Amazônia, uma das chagas na expansão das frentes econômicas pela região. Hoje, essas posições não encontram mais eco.

Entre os 41 deputados, há dois delegados de polícia; 13 parlamentares foram eleitos em famílias que já possuíam políticos. Mas não há qualquer um que possa ser definido como herdeiro das posições que Fonteles e Batista expressaram.

A política representativa se distanciou muito da realidade concreta do vasto interior do Pará, tão grande quanto um país como a Colômbia, com seus 1,2 milhão de quilômetros quadrados. E com um perfil de violência que guarda alguma identidade com os dramas e tragédias dos colombianos, embora sem qualquer comparação quanto à sua repercussão. A história continua a ser contada conforme o enredo dos que têm mais poder.

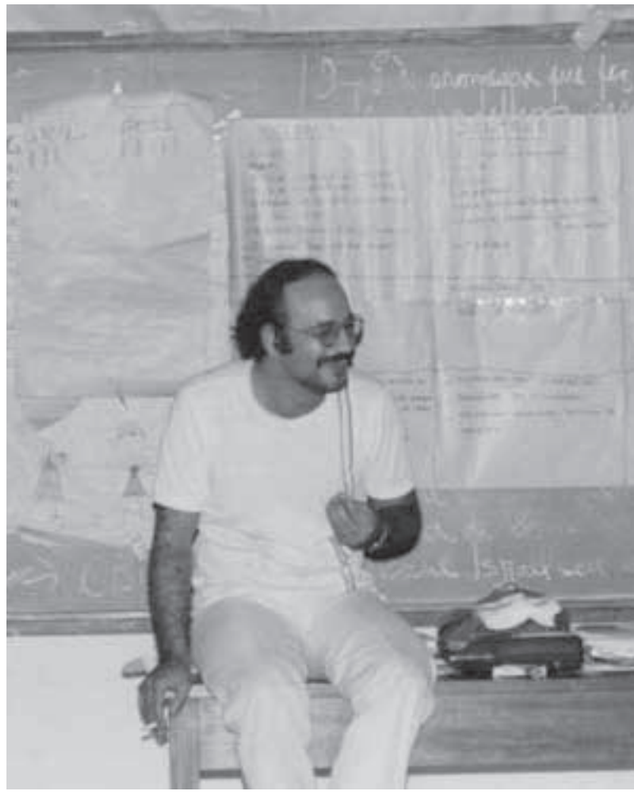


Foto: divugação

Lúcio Flávio Pinto
– Jornalista desde 1966. Editor do Jornal Pessoal, publicação alternativa que circula em Belém (PA) desde 1987. Autor de mais de 20 livros sobre a Amazônia, entre eles, Guerra Amazônica, Jornalismo na linha de tiro e Contra o Poder. Único jornalista brasileiro eleito entre os 100 heróis da liberdade de imprensa, pela organização internacional Repórteres Sem Fronteiras em 2014. Matéria publicada pelo site Amazônia Real: www.amazoniareal.org.br. Acesse o novo site do jornalista aqui: www.lucioflaviopinto.wordpress.com.

Foto: divugação

KRENAK: O POVO "CABEÇA DA TERRA"

Ailton Krenak

O nome krenak é constituído por dois termos: um é a primeira partícula, kre, que significa cabeça, a outra, nak, significa terra. Krenak é a herança que recebemos dos nossos antepassados, das nossas memórias de origem, que nos identifica como "cabeça da terra", como uma humanidade que não consegue se conceber sem essa conexão, sem essa profunda comunhão com a terra.

Não a terra como um sítio, mas como esse lugar que todos compartilhamos, e do qual nós, os Krenak, nos sentimos cada vez mais desraigados – desse lugar que para nós sempre foi sagrado, mas que percebemos que nossos vizinhos têm quase vergonha de admitir que pode ser visto assim.

Quando nós falamos que o nosso rio é sagrado, as pessoas dizem: "Isso é algum folclore deles"; quando dizemos que a montanha está mostrando que vai chover e que esse dia vai ser um dia próspero, um dia bom, eles dizem: "Não, uma montanha não fala nada".

Quando despersonalizamos o rio, a montanha, quando tiramos deles os seus sentidos, considerando que isso é atributo exclusivo dos humanos, nós liberamos esses lugares para que se tornem resíduos da atividade industrial e extrativista. Do nosso divórcio das integrações com a nossa mãe, a Terra, resulta que ela está nos deixando órfãos, não só aos que em diferente graduação são chamados de índios, indígenas, mas a todos.

Tomara que estes encontros criativos que ainda estamos tendo a oportunidade de manter animem a nossa prática, a nossa ação, e nos deem coragem para sair de uma atitude de negação da vida para um compromisso com a vida, em qualquer lugar, superando as nossas incapacidades de estender a visão a lugares para além daqueles a que estamos apegados e onde vivemos, assim como às formas de sociabilidade e de organização de que uma grande parte dessa comunidade humana está excluída, que em última instância gastam toda a força da Terra para suprir a sua demanda de mercadorias, segurança e consumo.

Ailton Krenak
– Líder Indígena. Pensador. Filósofo. Em "Ideias para adiar o fim do mundo". Companhia das Letras. 2019.

REFORMA DA PREVIDÊNCIA

PEC da maldade: aumento da alíquota e fim do quinquênio

Bia de Lima

Aumento da alíquota de 8%, fim do quinquênio, desvalorização dos/as servidores/as públicos/as, desrespeito aos direitos dos/as trabalhadores/as é isso que propõe a PEC da Reforma da Previdência de Goiás, enviada à Assembleia Legislativa do Estado, espelhada na Reforma apresentada em Brasília.

Sabendo da grande possibilidade de aprovação da matéria, sem a devida discussão com a sociedade, o SINTEGO articula audiências, reuniões e discussões com os/as representantes sindicais dos/as servidores/as públicos/as e principalmente com deputados, com o objetivo de construir estratégias que impeçam o avanço da PEC da Reforma da Previdência Estadual.

Os sindicatos devem entrar em contato com o Sindifisco, entidade que representa os/as auditores/as fiscais de Goiás, para que possam contrapor os números apresentados pelo Governo Estadual, bem como o DIEESE, para argumentar de forma técnica que os dados apresentados pelo governo não correspondem com a verdade. A administração estadual quer justificar o absurdo, colocando a responsabilidade toda nas costas dos/as servidores/as públicos/as. De acordo com a proposta da Reforma, a idade média de aposentadoria dos/as servidores/as públicos/as é de 48 anos, o que não é verdade!

Goiás é o Estado da Federação que, atualmente, paga a maior alíquota de contribuição da Previdenciária, 14,25%. Com o aumento proposto pela Reforma, esse percentual pode chegar a 22,5%, o que é impraticável. Além disso, o Estado dá uma rasteira nos/as servidores/as públicos/as ao propor junto com as alterações da Previdência também o fim do quinquênio. A PEC revoga o inciso XIX do artigo 95 da Constituição, que garante o quinquênio e sua incorporação aos vencimentos de inativos/as e pensionistas. A proposta revoga ainda o parágrafo 1° do mesmo inciso que estabelece: "O Estado pagará auxílio especial a seus servidores que tenham filho excepcionais, matriculados em instituição especializada para receber tratamento, na forma e valor fixados em lei".

O Governo Estadual quer pegar os/as servidores/as públicos/as de surpresa com uma Reforma Administrativa embutida na Reforma da Previdência. É impossível que aceitemos isso calados/as. Nós, trabalhadores/as da Educação, não concordamos com essa medida de forma alguma e vamos mobilizar toda a categoria e os/as demais servidores/as públicos/as contra estas medidas nefastas a quem leva para a população os benefícios das políticas públicas.

Os prejuízos da Reforma são muitos. O Governo não percebe que quando somado aos outros descontos salariais, o acréscimo da alíquota é cruel. Em 2019, os/as servidores/as públicos/as além de não terem seus reajustes garantidos, tiveram um aumento absurdo de quase 22% no Ipasgo, Instituto de Assistência dos Servidores do Estado de Goiás. Se soma a isso, o Imposto de Renda e, agora, mais que os já elevados 14,25%, o governo quer novo aumento. Mais da metade do salário é para pagar impostos, devolver para o próprio Governo. Como os/as servidores/as vão sobreviver? Não podemos pagar para trabalhar, nós já estamos sendo sacrificados demais!

A categoria da Educação, principalmente, vem sofrendo de todos os lados. No governo anterior, acabaram com a Gratificação de Titularidade, neste ano, até agora não foi respeitada a lei do Piso, não foram assinadas as progressões e agora tentam empurrar essa Reforma que maltrata ainda mais os/as trabalhadores/as. É muita maldade! Nós não vamos pagar pelas irresponsabilidades das administrações!

Agora, as entidades sindicais buscarão o apoio dos parlamentares, muitos deles são servidores públicos de carreira, o que pode facilitar o diálogo. A Reforma da Previdência não pode ser aprovada da forma como foi apresentada.

O SINTEGO mobilizará de todos/as os/as servidores/as públicos/as, especialmente os/as da Educação, para que conversem com os/as deputados/as de sua região, e se manifestem contra a Reforma da Previdência de Goiás. Precisamos ter nossos direitos garantidos, resguardados e cumpridos! Chega de maldades!

#SintegoNaLuta

Bia de Lima e Iêda Leal alertam o presidente da Alego, Lissauer Vieira, sobre as maldades da Reforma

Bia de Lima e demais dirigentes sindicais articulam estratégias para impedir avanço da Reforma da Previdência

Bia de Lima
Educadora. Presidenta do Sintego.

SINTEGO
GENTE QUE TRABALHA A EDUCAÇÃO
SINDICATO DOS TRABALHADORES EM EDUCAÇÃO DE GOIÁS
filiado à
CUT BRASIL CNTE

SINTEGO 30 ANOS 1988 - 2018

Monumento Cavaleiro Guaicuru - Campo Grande (MS) / Foto: divugação - Vinicius F. Herculano

A VANTAGEM DA IMPERFEIÇÃO

Leonardo Boff

Em tempos em risco de nossa liberdade, é importante pensarmos em sua importância. Nascemos completos, mas imperfeitos. Não possuímos nenhum órgão especializado, como a maioria dos animais. Para sobreviver, temos que trabalhar e intervir na natureza. Os mitos esclarecem esta situação.

Os indígenas Guaicuru, do Mato Grosso do Sul, perguntaram-se o porquê da imperfeição e do alto significado da liberdade. Demoraram longo tempo para chegar a uma resposta. A explicação veio pelo seguinte mito, portador de verdade.

O Grande Espírito criou todos os seres. Colocou grande cuidado na criação dos humanos. Cada grupo recebeu uma habilidade especial para sobreviver sem maiores dificuldades. A alguns deu a arte de cultivar a mandioca e o algodão. Assim podiam se alimentar e se vestir. A outros deu a habilidade de fazer canoas leves e o timbó. Desta forma podiam se locomover rapidamente e pescar.

Assim fez com todos os grupos humanos na medida em que se distribuíam pelo mundo. Mas com os Guaicuru não aconteceu assim. Quando quiseram sair para as vastas terras, o Grande Espírito não lhes conferiu nenhuma habilidade. Esperaram, suplicando, por muito tempo, e nada lhes foi comunicado. Mesmo assim, resolveram partir. Sentiram logo muita dificuldade em sobreviver. Resolveram procurar intermediários do Grande Espírito para receber também uma habilidade.

Primeiro, dirigiram-se ao vento, sempre soprando e rápido: "Tio vento, tu que sopras pelas campinas, sacodes as matas e passas por cima das montanhas, venha-nos socorrer". Mas o vento que sacudiu as folhas, sequer ouviu o pedido dos Guaicuru. Em seguida, se voltaram para o relâmpago que estremece toda a Terra. "Tio relâmpago, você que é parecido com o Grande Espírito, ajude-nos". Mas o relâmpago passou tão rápido que sequer escutou o pedido deles.

Assim os Guaicuru suplicaram às árvores mais altas, aos cumes das montanhas, às águas correntes dos rios, sempre suplicando: "Meus irmãos, intercedam por nós junto ao Grande Espírito para não morrermos de fome". Mas nada acontecia.

Meios desesperados, vagavam por várias paragens, até que pararam debaixo do ninho de um gavião-real.

Este, ouvindo seus lamentos, resolveu intervir e disse: "Vocês, Guaicuru, estão todos errados e são uns grandes bobos". "Como assim? responderam juntos. "O Grande Espírito se esqueceu de nós. Você que é feliz, recebeu o dom de um olhar penetrante e de perceber um ratinho na boca da toca e caçá-lo". "Vocês não entenderam nada da lição do Grande Espírito", retrucou o gavião-real. "A habilidade que ele lhes deu está acima de todas as outras. Ele vos deu a liberdade. Com ela vocês podem fazer o que desejarem fazer".

Os Guaicuru ficaram perplexos e cheios de curiosidade. Pediram ao gavião-real que lhes explicasse melhor a curiosa habilidade. Ele, cheio de garbo, lhes falou: "Vocês podem caçar, pescar, construir malocas, fazer belas flechas, pintar os corpos, os potes, viajar para outros lugares e até decidirem o que vocês querem de bom para vocês e para a própria natureza".

Os Guaicuru se encheram de alegria e diziam uns aos outros: "que bobos nós fomos, pois nunca discutimos juntos a vantagem de sermos imperfeitos. O Grande Espírito nunca se esqueceu de nós. Deu-nos a melhor habilidade, de não estarmos presos a nada, mas de podermos inventar coisas novas, sabendo das vantagens de nossa imperfeição.

O cacique Guaicuru perguntou ao gavião-real: "Posso experimentar a liberdade? " "Pode". O cacique tomou uma flecha e derrubou do alto de uma jaqueira uma grande fruta de jaca. E todos se deliciaram.

Desde aquele momento, os Guaicuru exerceram a liberdade. Tornaram-se grandes cavaleiros e nunca puderam ser submetidos por nenhum outro povo. A liberdade lhes inspirava novas formas de se defender e de garantir a melhor habilidade dada pelo Grande Espírito.

Os mitos nos inspiram grandes lições, especialmente nos dias atuais, quando forças poderosas, nacionais e internacionais, nos querem submeter, limitar e até tirar nossa liberdade.

Devemos ser como os Guaicuru: saber defender o maior dom que temos, a liberdade. Devemos resistir, nos indignar e nos rebelar. Só assim fazemos o nosso próprio caminho como nação soberana e altiva. E jamais aceitaremos que nos imponham o medo, nem que nos roubem a liberdade.

Leonardo Boff
Escritor. Teólogo. Filósofo. Autor de "Ética e espiritualidade: como cuidar da casa comum". Excerto de entrevista à jornalista Cecília Emiliana/www.uai.com.br.

NAIR DE TEFFÉ

A PRIMEIRA CARTUNISTA DO PLANETA

Iêda Vilas-Bôas

"Bela, avançada e do bar"! Então, venha ver quem é, venha ver quem é! A deliciosamente ácida senhora Teffé!

Nair de Teffé nasceu como no ditado: em berço de ouro. Filha de Antônio Luís Von Hoonholtz, o Barão de Teffé, e Maria Luísa Dodsworth. Teve sorte e inúmeras oportunidades com uma infância rica, financeiramente e culturalmente. Seu pai, como diplomata, viajou o mundo, e Nair, ainda menina, esmerilou pelos melhores lugares, de escolas a festinhas: requintados espaços da elite europeia. De nascimento era carioca, de Petrópolis, e estreou na vida no dia 10 de junho de 1886.

Segue, bebezinha, para ser criada finamente em Paris e Nice. Nairzinha só retorna ao Brasil, em 1905. Tinha 19 anos e retornava com a cabeça cheia de novidades, influenciada pela *Belle Époque*. A mocinha falante e inteligente tinha um jeitinho danado de bom para o desenho e, dizem, conseguia capturar bem o caráter das pessoas e o prender no papel. Logo começou a fazer suas famosas caricaturas e a trabalhar para as revistas e periódicos da época.

Mas a moça vinha de Paris... moderna, *Très chic*, adorava um bar, um bom drinque e tinha sempre entre os dedos ou o lápis ou uma elegante cigarrilha. Seu bar preferido era o do Jeremias, lugar bem frequentado por "gente fina", e a bela causava um verdadeiro *frisón* por onde andava. Esses novos costumes vindos do Velho Mundo causavam também fofocas, invejas e disse-me-disses.

Nair de Teffé é considerada a primeira mulher cartunista do mundo e adorava brincar com os figurões e figurinhas da sociedade. Driblando o machismo, inicialmente assinava suas caricaturas como Rian, que era o seu nome Nair espelhado, de trás para frente. E brincava com a sonoridade semelhante de Rian com rien, que significa em francês: nada. Mas havia muito em Nair: em suas caricaturas a revelação de sutilezas despercebidas, havia um tanto de ironia e um monte de inteligência desafiadora.

Como haveria de ser, não lhe faltavam pretendentes e nem bons partidos e foi batata: apareceu em sua vida o presidente da República Marechal Hermes da Fonseca. Bom para ela que estava acostumada com corte e luxo. Ruim para as gentes em geral que perderam a cartunista, já que as duas funções não combinavam. Ser primeira-dama da nação, tendo por marido um homem insosso, exigia-lhe muito.

Casou-se com o Marechal, viúvo, em 08 de dezembro de 1913. Ela tinha 27, ele 57. Na cerimônia, em sinal de total repúdio a nítida ausência de seus filhos: nenhum apareceu por lá.

Entretanto, a moça era acostumada aos chiliques parisienses e não se deixou abater. Casou-se e foi impondo seu espírito ousado e transgressor. Inovava com sua alegria, dava ares modernos aos salões, levou para o Palácio do Catete o maxixe de Chiquinha Gonzaga, ela mesma tocava ao violão, e o falatório fervia pelos ambientes. Onde já se viu moça bem-educada cantar esse tipo de música e ainda tocar violão, instrumento de boêmios e sem reputação? Fosse pelo menos um piano, de cauda, é claro!

A estonteante Nair foi a responsável por introduzir o uso de calças compridas ao guarda-roupa das mulheres brasileiras. Um salto rumo ao empoderamento feminino: mulher também poderia montar a cavalo como um homem. O machismo não poderia deixar passar em branco um barulho desse, e a moça atraiu para si a ira de Rui Barbosa que, no Senado, desabafa em 7 de novembro de1914:

"Uma das folhas de ontem estampou em fac-símile o programa de recepção presidencial em que, diante do corpo diplomático, da mais fina sociedade do Rio de Janeiro, aqueles que deviam dar ao país o exemplo das maneiras mais distintas e dos costumes mais reservados elevaram o "Corta-jaca" à altura de uma instituição social. Mas o "Corta-jaca" de que eu ouvira falar há muito tempo, o que vem a ser ele, sr. Presidente? A mais baixa, a mais chula, a mais grosseira de todas as danças selvagens, a irmã gêmea do batuque, do cateretê e do samba. Mas nas recepções presidenciais o "Corta-jaca" é executado com todas as honras da música de Wagner, e não se quer que a consciência deste país se revolte, que as nossas faces se enrubesçam e que a mocidade se ria!"

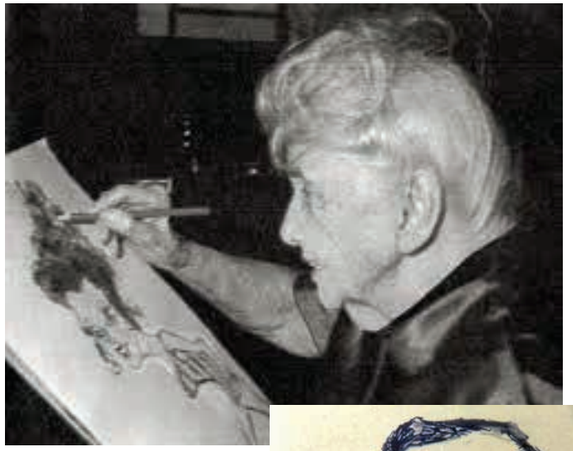
A bela Nairzinha não se abate e se segura no posto até o fim do mandato do Marechato. Cansada do preconceito estampado, inclusive na Tribuna do Senado, a bela foi descansar na Europa e retornou a tempo de participar da Semana de Arte Moderna de 1922.

Em1928, volta a morar em Petrópolis e seu ativismo se dirige às letras e artes. Foi eleita presidenta da Academia de Ciências e Letras e posteriormente funda a Academia Petropolitana de Letras. Também foi presidenta da Academia Fluminense de Letras e fundou o Cinema Rian – um dos mais bem-conceituados cinemas do Rio de Janeiro, que resistiu até 1983. Mudou-se para Pendotiba, Niterói, e ali realizou seu desejo maternal, adotando três crianças: Carmen Lúcia, Tânia e Paulo Roberto.

Nair de Teffé voltou a desenhar aos 70 anos e aos 95 anos, no dia de seu aniversário, partiu, encantou-se – como diz muito bem o Rosa.

Essa maravilhosa pessoa nos deixou imenso legado de viver plenamente, enfrentar críticas, sobreviver de cabeça erguida às crises financeiras e recomeçar. Para ela está reservado um lugar especial entre as Grandes Mulheres da História.

SALVE, NAIR DE TEFFÉ!



Caricatura para o Ex-Presidente Juscelino Kubitschek em 1961

Réjane, publicada na Fon-Fon! em 1909

Iêda Vilas-Bôas
Escritora. Presidenta da Academia de Letras do Nordeste Goiano – ALANEG.

"SE PODER É BOM, NEGROS E NEGRAS QUEREM O PODER."

Nethio Benguela

20 DE NOVEMBRO
DIA DA CONSCIÊNCIA NEGRA

ESCOLA SEM RACISMO

CNTE Confederação Nacional dos Trabalhadores em Educação
www.cnte.org.br
Filiada à CUT
CEA
FNPE

PARA TRANSFORMAR O PAÍS EM UMA DEMOCRACIA PARA TODO MUNDO.

CAMPANHA XAPURI
ASSINATURA SOLIDÁRIA

ASSINE A XAPURI E GANHE, AGORA, UMA LINDA CAMISETA DA RESISTÊNCIA,
COM FRETE GRÁTIS PARA QUALQUER LUGAR DO BRASIL.

PRA XAPURI ACONTECER, NÓS PRECISAMOS DE VOCÊ.
VEM COM A GENTE!

REVISTA IMPRESSA

ANUAL R$ **190**,00 12 EDIÇÕES

BIANUAL R$ **290**,00 24 EDIÇÕES

ASSINE JÁ! **WWW.XAPURI.INFO/ASSINE**